

MARIA FERNANDA SIMÕES TONOLLI

AS ORIGENS DA EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR PÚBLICA  
MUNICIPAL EM CAMPINAS : O PARQUE INFANTIL DA VILA  
INDUSTRIAL.

CAMPINAS

1996

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência parcial para a obtenção do título de pedagoga à Comissão Julgadora da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas sob a orientação da Professora Ana Lúcia Goulart de Faria.

## DEDICATÓRIA

A todos os meus alunos que muito sentiram a minha falta nos momentos a que me dedicava a esse trabalho , e me me assim eu sempre encontrava braços abertos dia após dia.

Banca examinadora composta por :

---

Ana Lúcia Goulart de Faria

---

Maria Evelynna Pompeu do Nascimento

Data \_\_/\_\_/1996

## RESUMO

O trabalho possui como discussão central a Educação Infantil. Analisa-se os primórdios da educação infantil no Brasil, em geral, e em Campinas, em particular. É realizado aqui um estudo - inédito - sobre um dos primeiros Parques Infantis de Campinas, o "Parque Infantil Celisa Cardoso do Amaral", e suas possíveis semelhanças com os Parques infantis paulistanos criados por Mário de Andrade. Enfoca-se a proposta educacional, não escolar, original para a época e inovadora ainda hoje, onde foram priorizadas : as brincadeiras, o espaço amplo e aberto e o contato com a natureza, as atividades lúdicas, artísticas e livres; desta forma garantindo o direito à infância e a construção da cultura infantil.

## SUMÁRIO

1-Apresentação e Objetivos do Trabalho.....	p. 1
2 - Sobre a Atenção à Infância no Brasil : algumas notas .....	p. 7
3 - O Processo de Implementação da Educação Infantil no Estado de São Paulo.....	p.12
4 - O Departamento de Cultura, Mário de Andrade e os Primeiros Parques Infantis da cidade de São Paulo - Uma experiência edu - cacional inovadora.....	p. 21
5 - Primórdios da Educação Infantil Pública Municipal de Campinas: O Parque Infantil.....	p.39
6 - O Parque Infantil da Vila Industrial "Celisa Cardoso do Amaral".....	p. 43
7 -Considerações Finais.....	p.71
8 - Referências Bibliográficas.....	p. 76
9 - Anexos - (1)fotografias.....	p. 79
(2)plantas.....	p. 86

## 1- APRESENTAÇÃO E OBJETIVOS DO TRABALHO

O presente trabalho parte da consideração de que a atenção à infância, assim como todos os outros elementos que formam nossa sociedade, é historicamente construída, sendo também reflexo do próprio contexto no qual está inserida. Assim como tudo na História, seu desenvolvimento não foi linear e de progresso constante, mas incluiu retrocessos, apresentou momentos de ruptura, e foi objeto também de posturas políticas e ideológicas de nossa sociedade.

No presente trabalho, o ponto de partida é preocupação de *como* e *de que maneira* a sociedade ocidental volta seus olhos em direção à infância. A partir desta análise geral, passamos a direcionar nossos olhos para uma análise das condições da infância no Brasil desde seus tempos coloniais, e de como a criança passa a ser incluída nestes contextos. Contando com o auxílio de renomados estudiosos da área, referenciados ao longo do trabalho, chegamos ao processo de implementação da Educação Infantil em São Paulo e da experiência dos Parques Infantis de Mário de Andrade, como uma experiência educacional inovadora/e que serviu de paradigma para experiências semelhantes em outras localidades no Estado de São Paulo, possuindo um êxito tão grande em seus princípios que esta experiência nos serve até mesmo hoje em dia, na atualidade de nossas discussões e busca de uma atenção à criança que respeite sua essência de ser e viver.

O estudo central da presente monografia enfoca o trabalho de Ana Lúcia Goulart de Faria, sobre o Parque Infantil no Estado de São Paulo e no Brasil, contribuindo para a história da infância e história da educação infantil brasileira. Tal objeto de estudo, se consideramos a História da Educação, é recente, pois os livros sobre História da Educação no Brasil não tratam da educação de crianças de 0 a 6 anos, em creche e pré-escola, somente das escolas. Anteriores ao trabalho da pesquisadora acima citada, temos ainda os trabalhos de Tizuko Kishimoto e Sônia Kramer, sobre a história da educação pré-escolar em São Paulo e no Brasil, respectivamente.

Originalmente, o objetivo da presente pesquisa era a História da pré-escola em Campinas, e para não trabalhar apenas com a bibliografia sobre outros países e pela limitação acima citada, foi aceita a sugestão da orientadora de pesquisar as origens da pré-escola campineira, através de um dos primeiros Parques Infantis, tornando-a inédita e fruto de um trabalho documental e de pesquisa de campo.

Inclui-se aqui, portanto, um estudo inédito, ainda que preliminar, sobre os primórdios da Educação Infantil Pública Municipal em Campinas, o Parque Infantil Celisa do Amaral, localizado na Vila Industrial, fundado em 1942. Verificamos uma experiência importante no campo do estudo da constituição da pré-escola em Campinas, ao constatar, neste estudo original, possuir muitos princípios norteadores da experiência dos Parques Infantis de Mário de Andrade.

Muito ainda se tem para refletir sobre tais questões, e esperamos que este trabalho seja uma contribuição - ainda que modesta - neste sentido. Sem embargo, certamente abrirá caminho para outras pesquisas no porvir, uma vez que, ainda que não profundo como merece, este estudo lança luz a informações e objetos de pesquisa, por ser inédito e original.

Em recente pesquisa, pude encontrar em Campinas, um Parque Infantil que possivelmente teve uma influência direta dos Parques Infantis de Mário de Andrade. Fundado em 07 de outubro de 1942, e ainda em funcionamento nos dias de hoje, o Parque Infantil da Vila Industrial ou Parque Infantil Celisa Cardoso do Amaral, foi uma das primeiras experiências educacionais (talvez a segunda), não escolar, da Prefeitura de Campinas<sup>1</sup>, onde podemos identificar uma correspondência com os Parques Infantis paulistanos da gestão de Mário de Andrade no Departamento de Cultura, no que tange não somente ao fato de terem sido contemporâneos, mas em termos pedagógicos e de princípios que fundamentavam ambas as experiências.

Hoje patrimônio histórico da cidade, ainda preserva a denominação "Parque Infantil" Celisa Cardoso do Amaral (**Diretoria de Ensino e Difusão Cultural**), tal como podemos ver na fotografia nº 1 (ANEXO 1)<sup>2</sup>. Estava localizado na Vila Industrial, um dos bairros mais antigos de Campinas, e próximo à estação

---

<sup>1</sup> Segundo informações da professora Maria Evelynna Pompeu do Nascimento, o primeiro Parque Infantil situava-se onde hoje é o Centro de Convivência, antiga Praça Imprensa Fluminense. O mais antigo teria sido instalado a 02 de janeiro de 1940, pelo prefeito Perseu Leite de Barros, tendo recebido a denominação de D. Violeta Dória Lins, educadora da época.

<sup>2</sup> Um estudo mais detalhado das fotografias será feito posteriormente, no decorrer do trabalho.

ferroviária, este bairro foi reflexo do próprio processo de industrialização da cidade.

O texto que se segue baseia-se em fontes primárias por mim coletadas através da análise de documentos da instituição e por contatos que vem sendo realizados desde o ano passado. Estes são sucintamente descritos aqui : o 1º contato realizado deu-se em 05/09/95, com a professora Cristina, do pré-primário. Neste dia, a diretora não estava, e a professora confirmou-me de que o prédio atual foi construído em 1942, e atualmente está tombado como patrimônio histórico desde 1987. No 2º contato (11/09/95) com a Diretora Rossana e quando foram feitas fotos e filmagens.

No 3º contato ( 21/10/95), com a mesma diretora, foi dada a informação de que o prédio seria reformado em 1996 e que todos os funcionários da limpeza são jovens excepcionais.

O 4º contato foi uma entrevista com o zelador (06/04/96), que nos informou que o Parque era muito maior e foi sendo vendido para empresas particulares. Hoje onde é o "parquinho" (brinquedos), havia uma piscina enorme, que foi aterrada.

No 5º contato (10/04/96), a atual diretora Dulce, que ficará quatro anos na direção, opinou que "a reforma é uma piada, pouco estão fazendo" e que "enquanto não acabar a reforma o Parque vai funcionar na guardinha".

Novamente entrevistada no 6º contato (08/05/96), a diretora Dulce e eu fomos procurar documentos do Parque, de 1942. Ela me afirmou que muita documentação fora queimada por falta de espaço, e foi quando encontramos o material o qual analiso no presente trabalho.

Quanto às fontes primárias por mim levantadas, estas configuram-se em quatro livros : um de registro de correspondência do Parque Infantil, com termo de abertura datado de 20 de novembro de 1951, contendo 200 páginas preenchidas, que não foi muito referenciado por não pertencer ao período estudado; um livro de visitas, onde os visitantes deixavam suas impressões sobre o Parque, iniciando-se em 2/10/42 até 9/11/67; um álbum de "bailados, monólogos, cançonetas e coros, próprios para festas, collegiaes e escolares" dedicado ao Exmo presidente Getúlio Vargas; e um livro de registro das crianças que frequentavam o Parque Infantil, iniciado em 26/10/1942 até 2/4/47. Infelizmente, torna-se inviável a reprodução de tais documentos no presente trabalho. A fotocópia imprime nos documentos antigos um alto impacto de luz e calor que deteriora o papel, processo que persiste por muito tempo após esta exposição, criando um processo de deterioração . Com a luz de flashes de câmeras fotográficas há o mesmo problema.

Dada à dificuldade , frente a exígua bibliografia sobre a Educação Infantil no Brasil, juntamente com o fato de ser uma pesquisa inédita, as fontes primárias,

como os documentos encontrados, foram muito utilizadas, sendo realizados vários contatos como os citados anteriormente e entrevista.<sup>3</sup>

A monografia divide-se em seis partes : na que se segue, algumas notas sobre o contexto histórico da constituição da pré - escola no Brasil e a maneira como se deu sua constituição. Em seguida, tem-se uma análise do processo de implementação da Educação Infantil no Estado de São Paulo. Ao enfocar tal questão, o capítulo seguinte passará a expor um estudo sobre a experiência educacional inovadora o Departamento de Cultura, Mário de Andrade e os primeiros Parques Infantis da cidade de São Paulo. A partir de tal estudo, comênta-se a respeito dos primórdios da Educação Infantil Pública Municipal de Campinas, a creche Bento Quirino, e finalmente, no próximo, apresentamos o estudo inédito sobre o Parque Infantil "Celisa Cardoso do Amaral" .

---

<sup>3</sup> Foi realizada também uma entrevista com a Sra. Otília Forster, juntamente com Alex do CMU depois da consulta às anotações da professora Ana Lúcia Goulart de Faria sobre a sua experiência em educação infantil nos anos 40 e a elaboração do roteiro.

A Sra. Otília Forster participou, com seus alunos, do "concurso de robustez infantil" em 1937, ( do qual também participou Mário de Andrade com as crianças dos Parques Infantis de São Paulo.)

Ela foi professora de Educação Física ligada ao Estado. Em 10/10/39, organizou uma apresentação infantil, com crianças do Jardim de Infância da professora Noêmia Asbano, de "Chapeuzinho Vermelho", encenada na inauguração do Parque Infantil da Praça Imprensa Fluminense. Informa-nos ainda que existia em 1937 uma revista mensal Infância Educativa Ilustrada da Cruzada Pró-infância.

Recordando-se do período que, segundo ela, Perseu Leite de Barros era prefeito de Campinas, conta que realizou também outras apresentações de produções infantis, como a de 7/12/40, no mesmo Parque Infantil. Lembrou que a data 12 de outubro, naquela época, era o dia da "criança que estuda". Doou todo seu arquivo para o Centro de Memória Unicamp .

## 2 - SOBRE A ATENÇÃO À INFÂNCIA NO BRASIL : Algumas notas.

O presente trabalho tem por escopo investigar, primeiramente, a maneira como se verificou, na sociedade brasileira, o processo da implementação do ensino pré-escolar público/ Está inserida nesta investigação uma preocupação a respeito das origens da educação pré-escolar pública municipal na cidade de Campinas.

Uma vez tendo em consideração a amplitude desta problemática , seu início deverá ser buscado em uma instância de análise que tenha como centro a criança na sociedade ocidental, mais especificamente, na sociedade brasileira.

Considerada um "adulto em miniatura" no período pré-industrial e até em princípios do industrialismo, como nos indica Ariés (1973), a concepção da criança em tal sociedade muda, posteriormente, com o advento das máquinas nortendo as relações de produção e de trabalho , e com as profundas transformações sociais que a acompanham. A criança, nestas sociedades, passa a ter diferentes tratamentos quando percebida como um futuro patrão ou futuro proletário, sendo a "paparicação" referida pelo autor, ou a "disciplinização" , formas de preparar sujeitos sociais que posteriormente tomariam *loci* muito bem definidos nesta sociedade.

No caso da sociedade brasileira, os ideais de um mundo industrial em transformação, como o da Europa, não teriam seus princípios transpostos de forma tão direta e linear. Há que se considerar a diferença básica da sociedade brasileira : em meados do século XVIII, a sociedade brasileira contemporânea da Revolução Industrial vivia sob a lógica da polarização entre senhores e escravos, o que dava a tônica de seu universo social e de suas mentalidades. Imersa nesta dicotomia colonial, estava a criança; seja branca ou negra, mas antes de tudo, criança, manipulada pela religião e pela propriedade familiar, como nos indica Costa (1980). Nas palavras de Mírian Moreira Leite sobre a criança brasileira pobre, é aprofundada a questão, explicitando-se a ausência do direito à infância para as crianças não burguesas, ao esclarecer que nestes grupos sociais existem :

*“pessoas de 0 a 5 anos que não ficam em pé e aquelas que ficam em pé, essas últimas “trabalham”... (apud., Faria (1993), p. 34)*

A concepção da infância impressa no século seguinte possui ainda esta visão dicotômica entre a infância “livre” e a “escrava”, mas a abordagem difere em fundamentos básicos. Um dos elementos mais característico<sup>4</sup> desta dicotomia , no

---

<sup>4</sup> A diferenciação é mais complexa que um mero critério social e racial. A discriminação por sexo é também uma realidade. Em estudo recente, Berquó (1986) demonstra que o aleitamento dos filhos homens possui mais duração e cuidado, como que querendo assegurar a estes mais saúde e garantia de vida. A pesquisadora chegou a esta conclusão analisando as estatísticas vitais de dados atuais no estado de São Paulo, onde constatou um número de óbitos maior de crianças do sexo feminino. Se tal característica é uma realidade na época atual, deveria ser mais marcante em uma sociedade patriarcal, mal saída de uma mentalidade colonial como a do século XIX e princípios do século XX.

Brasil colonial e no imperial escravocrata, talvez seja a questão do aleitamento dispensado às crianças pequenas advindas das duas opostas classes sociais : o seio negro obrigado a negar o alimento aos seu próprio filho, desviando-se, por força da dominação escravocrata, para alimentar o filho do opressor.

Ademais de estudos sobre as influências maléficas de tal prática na sociedade brasileira, estudos estes que tentavam desmistificar crenças equivocadas de época sobre o aleitamento materno em relação às mulheres brancas (fraqueza, prejuízos à beleza, etc...), os médicos de então, que tentavam introduzir através de seu discurso, a valorização do aleitamento. Porém, a defesa disso direcionava-se à a relação mãe-filho da raça branca. O mesmo discurso ignorava ou minimizando os malefícios apontados , do aleitamento artificial, em relação às mulheres negras e seus filhos, desprezando as altas taxas de mortalidade e abandono entre estes últimos.

A infância pobre, desfavorecida, que tinha em sua expressão última o desprezo aos filhos de negras e escravas, foi relegada ao sofrimento em muitos momentos, no século passado. Neste contexto, no Brasil vemos surgir a primeira instituição de "cuidado" à infância, seja pela filantropia ou pela religião : a Casa dos Enjeitados , ou a "Roda" , que autores como Civiletti (1991) apresenta como "a precursora das creches".

A Roda e demais instituições filantrópicas propõem um “cuidado à infância” (sic), uma “preocupação” pela infância do país, seja esta “pobre” ou a “ilegítima” (fruto de relações não aceitas pela moral vigente na época). Estas ações teriam vínculos com uma preocupação de direcionar e controlar uma população duplamente marginalizada : pobre e enjeitada.

Não obstante estas considerações sobre a “Roda”, temos ainda no século XIX o esboço de uma modalidade escolar direcionada à infância a partir da instalação, em 1875, do primeiro jardim de infância no Brasil, ( Kishimoto ,1988 ) sintoma de uma sociedade em transformação . Nas últimas décadas do século XIX, vivia-se numa sociedade que começava dar seus primeiros passos industriais, ainda que tivesse uma lógica escravocrata, mas mesmo este em pleno questionamento, com fluxo de imigrantes chegando de todos os cantos . Não obstante tais mudanças, a primeira experiência pré-escolar foi destinada às crianças de elite. Haveria só posteriormente, em princípios do século XX, uma resposta às classes mais pobres. Estas mesmas se modificavam na sociedade, muitas deixando a realidade rural para os centros urbanos . A presença cada vez maior da mulher no mercado de trabalho extra-doméstico é, desde então, um fenômeno em contínua expansão.

Tal como analisaremos ao longo do presente trabalho, veremos que a história da pré-escola no Brasil é um fenômeno vinculado às transformações da sociedade, ponto de reflexão de educadores, bandeira de luta por uma melhor

qualidade de vida, levada por intelectuais como Mário de Andrade nos anos 30, (que efetivou um trabalho mais educativo neste âmbito), pelas associações de mulheres na luta contra a ditadura militar implementada em 1964, até a discussão atual da importância e necessidade da pré-escola democrática e de responsabilidade do Estado (estes pontos, porém, não serão aqui tratados, ficando para uma próxima pesquisa). Importa-nos aqui abordar alguns aspectos sob que bases teóricas e sob que práxis se efetivaram as primeiras pré-escolas de Campinas através de um estudo de caso sobre um dos primeiros Parques Infantis campineiros.

### **3 - O PROCESSO DE IMPLEMENTAÇÃO DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO**

#### **ESTADO DE SÃO PAULO**

Antes de determo-nos no centro para onde convergem a principal atenção de nosso trabalho - Os Parques Infantis - , importa que nos reportemos a uma reflexão sobre a situação da pré - escola nas últimas décadas do século XIX até 1940, quando temos as primeiras experiências neste sentido.

Voltando à análise da gênese da implantação dos jardins de infância, em 1875, temos, como vimos , mais uma novidade na sociedade de finais do século XIX .

Enquanto na Europa vemos surgir a instituição da pré-escola no início do século XIX , como o Kindergarten alemão, com fins claramente educativos contraposição à idéia meramente assistencialista das casas de asilo ou orfanato, que apenas (sic) “cuidavam” das crianças. , no Brasil persistia a idéia do caráter meramente assistencial das instituições para crianças pequenas. Por incrível que pareça, ainda encontramos, hoje em dia, gente que pensa assim...

Como nos indica Kishimoto (1988 ), a princípio, para os pensadores e educadores, a função da pré-escola não se clarificara enquanto uma perspectiva de fato “educacional”. Tendeu-se a dar uma abordagem mais “assistencialista” de sua prática, tal como ocorria com associações filantrópicas e/ou religiosas. Ao

que parece, ainda que para atender filhos da elite carioca, a idéia de pré-escola parecia para alguns, uma versão nova da “Roda” ou orfanatos ou ainda, “objetos de luxo” para a realidade brasileira. O senador Junqueira (apud Kishimoto op. cit.) preferiu defini-la como “instituição de caridade para meninos desvalidos”, em uma mentalidade muito presente na sociedade da época, que visualizava a criança como ser “desprotegido”, de um eterno “vir a ser”, ou mesmo algo totalmente supérfluo.

Mas a verdade é que esta primeira instituição era fruto da iniciativa privada, para atender filhos da elite carioca. Muitas experiências posteriores foram resultado de empreendimentos de grupos privados, notadamente de imigrantes italianos, de protestantes alemães, que lamentavam a baixa qualidade do ensino brasileiro, pois suas pré-escolas possuíam já uma perspectiva educacional e pedagógica. No entanto, segundo a autora, estes empreendimentos atendiam preferencialmente os filhos de imigrantes.

Mesmo após 1889, com a Proclamação da República, não tivemos uma estruturação prática da pré-escola no Brasil nos primeiros anos da República. Mesmo assim, localiza Kishimoto (1985) em seu artigo “Jardins de Infância e as Escolas Maternais de São Paulo no início da República”, o questionamento na época, de duas modalidades de estabelecimento infantil, discriminatórias e reprodutoras da polarização social desta nova realidade brasileira republicana, dividida entre elite e proletários. A escola maternal, modelo francês para

substituir as desgastadas “casa de asilo” mais identificadas a um serviço para atender clientela mais pobre, órfãos e filhos de operários, com menos recursos e preocupações pedagógicas, e o jardim da infância, para as classes mais abastadas, com maiores preocupações pedagógicas, se configuraram mais como uma divisão de faixas etárias no processo pré-escolar.

A autora ressalta o fato de que, a partir dos anos 20, alguns centros fabris e vilas operárias passam a oferecer serviços de escola maternal às crianças operárias, tendo como mantenedoras instituições de cunho filantrópico ou religioso, ou ainda, as próprias fábricas, pelas facilidades garantidas na legislação. Haveria aí um compartilhamento de responsabilidades entre a instância pública e privada: as instituições filantrópicas e/ou as fábricas se associavam ao governo, a quem ficava as responsabilidades do quadro funcional e o professorado, bem como o material escolar e pedagógico.

Indubitavelmente, estes espaços possuíam uma perspectiva disciplinizadora, ao se destinar aos filhos das classes menos privilegiadas, e são um importante sintoma de uma série de mudanças da sociedade em transformação: o crescimento do número e das reivindicações da classe operária brasileiras, notadamente após as greves de 1917, dificuldades cada vez maiores dos operários impostas por seu exíguo salário frente a um custo de vida crescente e principalmente, a necessidade cada vez proeminente da mulher trabalhar, a fim de complementar a renda da família, com um salário e condições muitas vezes

inferiores a dos homens, e menos presente para o cuidado e educação dos filhos em casa, até então sua atividade principal .

Kishimoto ( 1988), em sua tese de doutorado, inicia seu trabalho vinculando a criação de instituições pré-escolares como consequência direta de processos sociais como a urbanização e industrialização.,

Não obstante ser encarada atualmente como espaço privilegiado de preocupações pedagógicas e de ensino, a pré-escola, ao longo de sua história, inclusive no Brasil, possuiu diferentes maneiras de viabilizar seu trabalho com as crianças de 0 a 6 anos. Questões como o aumento explosivo da população urbana e problemas decorrentes deste , como a miséria, a inserção da mulher no mercado de trabalho, a falta de oportunidade e as imigrações, colocaram, por sua vez, uma problemática de **“o que fazer com as crianças ? (não inseridas de maneira produtiva no sistema)”** .

Kishimoto (op. cit) clarifica ainda , os diversos tipos de instituição pré-escolar que tivemos no Brasil de 1877 a 1940. A pesquisadora afirma o fato de que , desde o início e ao longo da história da pré-escola, tivemos em nosso país uma multiplicidade de promotores da educação pré-escolar , sendo a teoria e prática pré-escolar também variável, concebidas de diversas formas e atendendo a determinados interesses . Kishimoto (op. cit) assinala três instâncias principais a serem analisadas quando tratamos da História da pré-escola:

primeiramente, instituições assistencialistas de preparação à escola. Posteriormente, a presença de estabelecimento assistencial sem preocupação educativas como as salas de asilo; creches e outros estabelecimentos como escolas maternais, que teria surgido na França privilegiando o conteúdo sistemático e os jardins de infância, privilegiando o jogo infantil, com influência de teóricos da educação como Froebel, Montessori, Pape-Carpantier, entre outros. A terceira instância diz respeito a participação de grupos filantrópicos, e religiosos, Estado, indústrias, e mais diversas associações.

Kishimoto (op. cit) nos apresenta, o significado e a natureza dos diferentes tipos de estabelecimentos infantis, instalados até 1940, como os asilos infantis, creches, escolas maternais e jardins de infância.

Os asilos eram principalmente de três tipos - asilo para órfãos, asilo para crianças expostas e asilo para crianças abandonadas ou delinqüentes. No geral, tinham por escopo atendimento à infância que, por determinada razão, não possuía uma assistência direta de seus pais. Sua prática restringia ao atendimento das necessidades básicas ( comida, roupa e abrigo), uma vez que estabelecimentos como estes responsabilizavam-se somente pela guarda da criança e sua integridade física.

As creches, que, na prática assemelhavam-se aos asilos, eram para os filhos de operários enquanto trabalhavam. Sua origem na sociedade européia,

foi justamente a preocupação com os altos índices de mortalidade que se verificava a partir da proeminência do trabalho feminino e a questão da guarda das crianças, as quais, não recebendo atenção devida, terminavam por engrossar as taxas de mortalidade infantil no contexto urbano-industrial do século XIX. Não sendo estes estabelecimentos, assim como os asilos, “exemplos de boa higiene”, mas verdadeiros locais de sujeira e infecção, surgem na década de vinte as “creches modelares com intensa preocupação com a higiene e assistência médica-higienista”.

As Escolas Maternais são as primeiras experiências que de fato distanciam-se da concepção assistencialista como um “depósito de criança” (sic) ao revestir-se, de fato, de uma perspectiva educacional. A primeira escola, de Anália Franco, quer-se como um preparatório para a educação primária. No entanto, pela pouca preocupação em possuir professores especializados e mistura de diversas faixas etárias numa mesma classe, tornava esta instituição pré-escolar muito parecida com o asilo infantil.

Empreendimentos do Estado de São Paulo da década de vinte acenam com preocupações mais educacionais, com finalidades físico, intelectuais e morais, com influências de Froebel e Montessori, dividindo as faixas etárias.

O Jardim de Infância ou kindergarten, que aparece na Alemanha em 1840 era uma experiência eminentemente educacional, desde seu princípio, onde se

entende as peculiaridades do desenvolvimento da criança e deseja-se seu desenvolvimento integral através de jogos, recreações, músicas e demais atividades educativas, preparo para escola mas sem antecipar a alfabetização e integração Escola - Família. Recebeu muitas críticas da sociedade da época, que ora o encaravam como artigo de luxo, ora porque só serviam para filhos de operários.

A exposição acima serviu para demonstrar que, de fato, nunca houve uma homogeneidade em termos de teoria e práxis pré-escolar, de maneira que este é mais um dado para que visualizemos a complexidade de tal objeto de estudo e compreendamos de como, a partir das sociedades urbanas e industrializadas, a preocupação com a infância torna-se cada vez mais tópico de interesse. Podemos desta forma compreender também a importância dos Parques Infantis de Mário de Andrade como uma proposta valiosa e ponto de partida para uma real valorização da importância da pré-escola na sociedade brasileira.

Moisés Kuhlmann (1991) apresenta uma trilogia de discursos no processo de constituição das instituições pré-escolares brasileiras e suas influências sobre elas. Nos demonstra o interesse de três instâncias em particular, as quais incluíam uma grande preocupação em relação à infância: a médico-higienista, o jurídico-policial e a religiosa.

*Escola para os pobres*

Kulhmann ( op. cit.) indica o ano de 1899 como o início do processo de pré-escolarização no Brasil a partir da fundação do Instituto de Proteção e Assistência à Infância do Rio de Janeiro, ademais da inauguração da primeira creche para filhos de operários, da Companhia e Fiação Corcovado no Rio de Janeiro. Faz referências também às instituições citadas por de Kishimoto (1985) , aprofundando a divisão muito clara que se tinha na época em definir como uma proposta "pedagógica" os jardins de infância de ricos, em oposição ao caráter somente assistencialista das creches para filhos de operários.

A implantação das creches, foi objetos das mais diferentes posições e objeto de debates por parte de médicos, juristas e religiosos da época, considerando-a um "mal necessário" pois reforçaria a distância mãe-filho, o abandono à infância e a negação do "sagrado papel de mãe".

A maior preocupação médico-higienista no Brasil, desde séculos anteriores, foi com a extrema mortalidade infantil da sociedade brasileira. A puericultura, ou seja, um cuidado sistematizado para crianças bem pequenas era uma das preocupações. As creches que foram se instituindo, adotaram algumas posturas neste sentido.

Segundo a influência jurídico policial, o mal da sociedade estava na "infância abandonada" e criminalidade infantil, culpando, via de regra, a

desestruturação da família como razão fundamental para a desordem do meio social.

Cabe ressaltar o caráter disciplinador destes discursos, pois o alvo era sempre a criança pobre, seu controle e ordenamento social e a preocupação de "moldá-la" para aceitar sua posição inferior e atender prontamente as ordens recebidas de maneira correta. Kulhmann conclui que a "assistência científica" foi uma forma de educação dos pobres.

**4 - O DEPARTAMENTO DE CULTURA, MÁRIO DE ANDRADE E OS PRIMEIROS PARQUES INFANTIS NA CIDADE DE SÃO PAULO - Uma experiência educacional inovadora.<sup>5</sup>**

Após 1930, com Getúlio Vargas, identificamos o início da transformação de uma sociedade predominantemente agrária, segundo alguns historiadores, que era até então o Brasil, para uma sociedade cada vez mais industrial e urbanizada. Dois problemas se colocam então, aprofundando a necessidade de maior preocupação do Estado com a educação das crianças pequenas : o fluxo cada vez maior de gente do campo para as cidades, em busca de empregos e oportunidades, e uma entrada cada vez maior da mulher no mercado de trabalho.

Sobre este último aspecto as palavras de Carolina Ribeiro, em 1943, no texto "Os parques infantis como centros de Educação Extra-escolar" , lamentam de que a família da época não era como a de outrora (não explicitando, porém, de que classe social comentava) :

*" Há 30 anos atrás, cada criança tinha em seu próprio lar, muito mais do que tem hoje para favorecer sua educação. Uma casa onde a família organizada mais racionalmente dividia muito bem as atribuições : o chefe*

---

<sup>5</sup> Este capítulo foi baseado principalmente na tese de doutoramento de Faria, 1994.

*a buscar fora o necessário à manutenção, a mãe a dispor tudo da melhor forma, nas atividades domésticas, sem deixar a vigilância e a direção dos filhos que cresciam junto dela, participando de um ambiente de sereno equilíbrio (...) "*

(pg. 61)

Tal discurso espelha claramente as transformações sociais que acabariam por resultar, pelo menos na cidade de São Paulo, a primeira iniciativa pública municipal de real preocupação educacional no Brasil : os Parques infantis de Mário de Andrade, como Diretor do Departamento de Cultura na gestão Fábio Prado em 1935. Ficaria três anos no cargo, até 1938, quando a extrema incompatibilidade com o esquema repressivo do Estado Novo forçou sua retirada. Indica Nogueira (1985) que

*"O Departamento de Cultura propunha-se a lançar os alicerces culturais de um país que se havia resolvido a ser grande culturalmente como o era geograficamente <sup>6</sup> Compunha-se de cinco divisões : Expansão cultural, Bibliotecas, Documentação Histórica e Social, Turismo e Divertimentos públicos, Educação e Recreios"*

(pg. 53).

---

<sup>6</sup>. Duarte, Paulo. *Mário de Andrade por ele mesmo*; apud Nogueira (1985), p. 53.

O trabalho de Ana Lúcia Goulart de Faria ( 1994) é revelador no sentido de explicitar, através de um estudo profundo e brilhante , uma proposta de instituição pré-escolar inédita no Brasil, os Parques Infantis de Mário de Andrade, estudo este que se desenvolveu pensando não somente na relação educação pública e o poder controlador do Estado sobre um lazer disciplinado, no lucro do capitalista , nos pais operários ou na disciplinação do “futuro cidadão” mas também como a promoção da Educação pelo poder público poderia ser de boa qualidade.

Estudar os Parques Infantis de Mário de Andrade, tal como bem nos demonstra a autora, é visualizar a criança como ponto de partida de sua proposta e prática. Foi pensando na criança - não simplesmente o “vir a ser”, o “menor pobre”, “filho de operário” ou o “futuro aluno”, como soie ser a visão da sociedade capitalista - e em sua realidade, que se estruturou sua proposta educacional, permitindo-lhe gozar a criança de seu presente, de seu direito à infância, (ao não-trabalho, ao brincar) e não apenas em uma realidade e responsabilidade futura.<sup>7</sup>

Foram os Parques Infantis de Mário de Andrade a primeira experiência em nosso país de uma ação direcionada à criança que permitiu a ela não a adaptação compulsória a um modelo pré-estabelecido, mas a possibilidade de

---

<sup>7</sup> . Em tempos de privatizações e de consideração da presença do Estado como um empecilho na vida dos cidadãos, o estudo é importante ao abordar uma experiência onde o Estado não foi (e pode não ser ) visto como um grande “elefante em loja de cristal” como querem os neoliberais, mas promotor de políticas que visem realmente o bem estar da população, a melhoria de sua condição de vida.

criar uma cultura infantil, ou seja, estabelecer princípios próprios, brincadeiras, desenhos, formas de comunicação, relações e tudo mais, que de fato significasse seu conhecimento e criação, sem apenas a interferência de normas e regras da sociedade externa, com seus critérios e padrões, impostas pela imposição da mente e palavras adultas, no entanto sem perder de vista o desenvolvimento pleno da criança enquanto pessoa e cidadão do Brasil. Esta experiência, pioneira no país até então, sofreu em sua ação uma ruptura, sem continuidade de práxis na História da Pré-escola brasileira. Recentemente, quando reativada as discussões sobre a pré-escola, estes elementos tão fortes no pensamento e práxis do intelectual Mário de Andrade, estão presentes na pauta das discussões e ações a serem realizadas neste âmbito<sup>8</sup>, que visam o *amihoramento de vida* (como escrevia o poeta) e valorização plena da educação pré-escolar.

É fundamental, nessa presente análise, que comentemos um pouco mais sobre o intelectual Mário de Andrade.

Ativo participante da Semana de Arte Moderna de 1922, que pretendeu, entre outras coisas, resgatar, promover e valorizar a cultura nacional, promovendo uma "antropofagia" da cultura europeia clássica, imposta e cristalizada de maneira dogmática na sociedade brasileira da época, de tal forma que chegava até mesmo a "mascarar" a identidade brasileira, Mário de Andrade

---

<sup>8</sup> Como, por exemplo, os cadernos e publicações do MEC (1995) que tem como primeiro critério para uma instituição de educação infantil o reconhecimento do direito a brincadeira.

agiu neste sentido, seja em suas obras, seja na política, como nos mostra a pesquisadora.

Neste contexto, Mário de Andrade tem uma séria preocupação, juntamente com outros intelectuais : “reformatar a sociedade”, resgatando-a da “miséria cultural”, denunciando o “subdesenvolvimento”. Como outros intelectuais de sua época, acreditava que a ação básica para conseguir tais objetivos era, entre outras coisas, a reforma da educação e do ensino, tal como afirmavam os pensadores da Escola Nova, em seu “Manifesto dos Pioneiros”, que não esqueceram da pré-escola..

Quem era este intelectual que inovou a educação pré-escolar no Brasil ? Através de sua face mais humana possível , comentando sobre sua infância ( “o menino magricela e anguloso que se identificava com desenhos ingleses”...), suas brincadeiras com o sobrinhos. Antônio Cândido nos diz:

*“Esse homem tão agudo, tão refinado na sua poderosa inteligência guardava certos traços da infância, certa puerilidade, entre os quais a capacidade de rir muito das coisas simples e se entregar a verdadeiros acessos de alegria nos quais ria com todo o corpo, rodopiava pela casa dançando com os sobrinhos, abalroando os móveis e mesmo, uma vez ao menos, rolando aos trambolhões*

*pela escada” ( Antônio Cândido, 1946, p.71. Apud Faria, op. cit. p. 17-18)*

Concebida Mário de Andrade a criança com uma identidade própria . Citando suas próprias palavras , escrevendo sobre a criança, nas quais ele revela a extrema expressividade infantil, como de um artista por natureza , ao lançar mão de todos os meios de expressão artística.

*“MA<sup>9</sup> acreditava que a criança não só aprende e consome cultura do seu tempo, como também produz cultura, seja acultura infantil de sua classe, seja reconstruindo a cultura à qual tem acesso” (Faria, op. cit. p.21).*

Talvez, muito do brilho da infância permaneceu junto com o brilho de seu intelecto, para compreender de fato o que era sentir-se criança e trabalhar com e para ela, como fez o poeta. Mário de Andrade : um intelectual que nas palavras de Nogueira (op. cit.) *“abandonando o conforto da teoria sem a prática, ele colocou-se a serviço do público. ” (p. 2)*

Enquanto expoente do movimento modernista no Brasil, Mário de Andrade estava comprometido pela busca de uma identidade nacional, assim como o

---

<sup>9</sup> “MA” significa “Mário de Andrade”.

*"Os P1<sup>os</sup> de São Paulo, em número de três, estão localizados em bairros operários, beneficiando, portanto, crianças cujos pais, premiados por uma constante e*

Infantis foram encarados :

Recreio do Departamento de Cultura nos esclarece sobre como os Parques Um documento datado de 1937 produzido pela Divisão de Educação e

brincar e criar cultura infantil.

tinham "o direito à infância", isto é, com direito ao não-trabalho, com direito de tratamento estigmatizado : como qualquer criança, filhos e filhas de operários estes, os Parques Infantis foram espaços onde não havia nenhum tipo de de disciplinar a "classe operária de amanhã". Voltando-se principalmente para oferecera instituições pré-escolares aos "filhos de operários" em uma perspectiva Como demonstrado anteriormente, até então a sociedade da época

fazia parte de um projeto mais amplo de urbanização da cidade de São Paulo. Andrade incluía as crianças e a classe operária dentro deste grande projeto, que tradicional". Querendo, entim, a "construção de uma cultura nacional", Mário de tem caráter porque não possui nem civilização própria nem consciência nos mostra Nogueira (op. cit.) , preocupava-se com o fato de que "o brasileiro não queria tantos outros participantes da Semana de 22. O próprio intelectual, como

*prolongada ausência, devido à natureza de seu trabalho, não lhes podem dedicar os cuidados que merecem.*

*A educação física, os jogos, a música, o canto, o bailado, a biblioteca e os festivais resumem as atividades mais comuns no programa de recreação*

*A assistência médica, a distribuição do copo de leite (140 litros diários) e de frutas têm trazidos real proveito aos pequenos anêmicos e desnutridos.*

*Os serviços de assistência, educação e recreação vem produzindo, assim, os resultados previstos. A freqüência aumenta de ano para ano, sendo que, em 1936, os três Parques acusaram entradas num total de 782.294.*

*O DC<sup>11</sup> está cuidando da construção de Pls em todos os bairros da cidade. Dess'arte, as crianças paulistanas terão logradouro público nos quais, pelos mais modernos princípios da recreação se visará a formação da sociedade de amanhã, baseada no fortalecimento constante da consciência nacional e dos ideais de solidariedade humana.*

*(Apud Faria; op. cit; p. 61)<sup>12</sup>*

---

<sup>11</sup> "DC" significa "Departamento de Cultura"

<sup>12</sup> O documento traz informações que convém referenciar: a primeira é de que a complementação alimentar que forneciam eram uma necessidade, frente ao estado de desnutrição e baixa qualidade de vida de muitos filhos de trabalhadores, bem como de outras enfermidades (dados estes fornecidos por pesquisas realizadas pelo Departamento de Cultura juntamente com a Escola de Sociologia e Política).

Outra informação é a de que o Departamento de Cultura da cidade de São Paulo foi devidamente legalizado em 30 de maio de 1935.

Através deste documento de época temos explicitado alguns dos diversos elementos que compunham os **PIs** implementados pelo Departamento de Cultura na gestão de Mário de Andrade.

Revela-nos uma preocupação em desenvolver a criança de forma integrada e harmônica. O lúdico, por exemplo, não era entendido apenas como simples passatempo, mas sua prática poderia viabilizar a possibilidade de conhecer e criar cultura infantil. O jogo vinculava-se à idéia de cultura e educação, "construtor da vida social" ao desenvolver elementos da vida social, como a comunicação, cooperação e a solidariedade, conforme nos explicita o Ato 767 de 1936.

A higiene, que desde o século XIX está presente nas preocupações dos administradores urbanos, e higienistas, é também realçada nos documentos de época que se referem ao parque. Neste caso, também a higiene é questão de educação, ao poder ser um conhecimento compartilhado com as crianças dos **PIs**.

A higiene conjuga-se com a saúde, e espaços livres, amplos e abertos para as atividades físicas que são quesitos fundamentais nos **PIs**, contemplando atenção a todos os tipos de jogos e divertimentos. Poderia ser um traço da influência dos escolanovistas europeus e americanos, mas importa na medida em que significou reservar um espaço público à criança frente à lógica mercantil de

cada palmo de terreno do meio urbano em expansão e que se reorganiza na década de trinta. Além dos cuidados com a saúde de praxe, os PIs ofereciam até mesmo uma complementação alimentar (leite e frutas) para as crianças. Talvez até possamos dizer que Mário de Andrade antecipou o binômio cuidado e educação como especificidade da educação infantil, já que não antagonizou os direitos à assistência e à educação tão comum ainda hoje em dia entre aqueles que entendem a educação como sinônimo de escola e assistência como sinônimo de assistencialismo.

Portanto, como expressou-se Faria :

*“As atividades desenvolvidas no PI garantiam um trabalho integrado em vários níveis : a criança, o jogo, a cultura, a educação e saúde estavam ali sempre juntos “ (op. cit. p. 86)*

A proposta básica de tais ações, pode melhor ser entendida conforme Mário de Andrade mesmo explicitou, escrevendo a Paulo Duarte<sup>13</sup>, sua postura frente à promoção de cultura e a responsabilidade governamental neste sentido:

*“Num país como o nosso, em que a cultura infelizmente ainda não é uma necessidade quotidiana de ser, está se aguçando com violência dolorosa o contraste entre uma*

---

<sup>13</sup> Paulo Duarte era o chefe do gabinete do prefeito, amigo pessoal dos intelectuais da Semana de 22 e assessorou F. Prado na criação do DC., convidando Mário de Andrade para organizá-lo.(Faria, 1993)

*pequena elite que realmente se cultiva e um povo abichornado em seu rude corpo. Há que forçar um maior entendimento mútuo, um nivelamento geral da cultura, que sem destruir a elite, a torne mais acessível a todos, e, em consequência lhe dê uma validade verdadeiramente funcional. Está claro, pois que o nivelamento não poderá consistir em cortar o tope ensolarado das elites, mas em provocar com atividade o erguimento das partes que não estão na sombra, pondo-as em condição de receber mais luz. Tarefa que compete aos governos ( Duarte, 1985, p.153. apud. Faria op. cit.)*

A preocupação com a qualidade dos serviços lá desenvolvidos era grande, como podemos verificar até aqui. Esta constatação pode ser aprofundada se analisarmos a importância que era dada na época à qualidade e preparo do quadro funcional. Os instrutores do PI foram nomeados por um ano, e sua efetivação daria-se posteriormente por um concurso de provas e títulos. Seriam nomeados os que possuísem diplomas da Escola Normal do Estado, educadores sanitários do Instituto de Higiene de São Paulo ou de Educação infantil formados no Departamento de Educação Física do Estado ou portadores de especialização pré-primária no instituto de Educação da USP.

Além da sólida formação acadêmica, as funções da instrutora eram de extrema participação na vida da criança, não uma entidade exterior e controladora. Como as condições de saúde dos filhos das famílias operárias começaram a se revelar mais preocupante, seja pela desnutrição, seja pelas moléstias, foi instituído o cargo de educadora sanitária, bem como o serviço dentário passou também a ser oferecido junto aos PIs a partir de 1937.

O Ato 1146 de 04/07/1936 dividiu em duas as funções iniciais da instrutora, separando suas funções ligadas à saúde (de responsabilidade da educadora sanitária) de outras funções educativas. Assim a instrutora deveria ter um grande respeito à liberdade e espontaneidade dos jogos das crianças, ensinando e participando das atividades lúdicas. Interessante também são as recomendações para que ela fosse uma condutora do processo educativo, idéia moderníssima, não interferindo ou censurando as produções infantis. O caráter moralizante, comum à época, era no espaço dos PIs descartado, ao aconselhar que as instrutoras não tirassem lição moral das histórias infantis e não mascarassem os elementos folclóricos a serem trabalhados, mas os valorizassem. A observação era recomendada como forma de conhecer melhor a infância e a cultura infantil.

As ações do PI são importantes por considerarem a criança como um ser com especificidades próprias. Ressaltava sua condição de pessoa,

indivíduo, cidadão; suas individualidades e sentimentos, rejeitando-se desta forma a pedagogia escolar tradicional da época.

Portanto, significaria afirmar o caráter educativo não escolar dos **PIs**, em contraposição a uma idéia utilitarista da pré-escola ( “serveria para adiantar ou facilitar o ensino primário” ). Não temos, portanto, simplesmente “assistir” as crianças, diferindo totalmente os outros parques infantis da época. Como afirma Faria (op.cit) :

*“O olhar voltado predominantemente para a criança ( e não para a mãe e para a família, embora estas, de alguma forma, fizessem parte do programa) , contribuiu para a construção de um projeto cultural-educativo, onde não estavam antagonizadas Assistência e Educação. Isso foi realizado nos **PIs**.”(p. 94)*

É importante lembrar mais uma vez o fato da valorização dos elementos do folclore e cultura brasileiras que estava presente nas atividades desenvolvidas nos Parques Infantis. Desejava-se incluir a criança na criação do “caráter nacional” enunciado pelos modernistas, colocando-a em sintonia com as tradições culturais de seu país de maneira a valoriza-los e para que esta memória não se perdesse.

Esta tônica cultural não era exclusiva dos **PIs**, mas era o fio condutor da postura política e social do Departamento de Cultura . A própria regulamentação jurídica explicitava seu objetivo básico, o de "estimular e desenvolver todas as iniciativas destinadas a favorecer o movimento educacional, artístico e cultura (Ato nº 861, de 30 de maio de 1935). Nas palavras de Paulo Duarte, o Departamento de Cultura era "*uma organização brasileira de estudos de coisas brasileiras*" com grandes preocupações culturais, sendo os **PIs** inseridos nesta proposta.

O respeito à produção cultural infantil era explicitado também na valorização dos desenhos infantis, os quais MA os colecionava e os analisava, servindo como tema de diversos de seus escritos sobre infância. Mário de Andrade encarava o desenho como máxima expressão da espontaneidade e sensibilidade da criança. O Departamento de Cultura sob sua direção através da Biblioteca Infantil promoveu um concurso de desenhos em 1937, onde ficou claro, na instância mais ampla de toda esta proposta, de que o operário podia *também* fazer, produzir e consumir arte, não sendo privilégio da burguesia, como o queria (e quer) uma parcela mais tradicional da sociedade.

Por ocasião do Cinquentenário da rede municipal de educação infantil da cidade de São Paulo, em 1985, foram publicados uma série de artigos sobre o tema em um número especial da revista Escola Municipal ( Secretaria Municipal de educação da PMSP) , que traz entrevistas com pessoas que participaram do

processo dos Parques Infantis, seja como instrutora, seja como criança usuária, lembrando bem do cotidiano e das atividades dos Parque Infantis de Mário de Andrade. Torna-se procedente que leiamos alguns de seus depoimentos:

O artigo “Um dia no Parque Infantil” (Escola Municipal, 1985), nos traz o depoimento de educadoras que trabalharam nos Parques Infantis nas décadas de 30 e 40. Praticamente toda sua fala reafirma os pontos principais que aqui tratamos : a importância do Departamento de Cultura, a oposição da sociedade da época que não entendia ou não aceitava a instituição . Sobre isso nos fala uma das educadoras :

*“Yvonne - Foi com espírito de grupo e coesão que conseguimos fazer nosso Departamento de Cultura. Enquanto ele durou, foram criadas raízes que depois ficaram aí . Não foi fácil. Quando se fundaram os Parques infantis, por exemplo, houve uma campanha tremenda nos jornais de oposição que caçoavam : **“Onde se viu gastar dinheiro do povo para criança brincar...”** (pg. 20)*

Sobre a preocupação em desenvolver atividades ao ar livre, comenta :

*“Yvonne - (...) O desejo do Dr. Nicanor (diretor da Divisão de Educação e recreio) era estimular as atividades de campo;*

*“Vitalina - (...) a roda cantada ele (maestro Martin Braunwieser) dava uma e a gente pesquisava para ampliar o repertório. Era preciso trabalhar com todas as turmas, com números diferentes de acordo com as faixas etárias, adequando o trabalho. E, nessas atividades,, ele fazia muita questão que se desenvolvesse o folclore brasileiro por que era um ardoroso amante do Brasil. Dava-se muita música folclórica, cantigas de roda (...) O maestro fazia questão que a gente não aceitasse que “ ensinávamos musicinhas ” por causa do trabalho que estava por trás.(...)”*

(pg.21)

Há ainda um comentário interessante que ilustra a preocupação com o folclore como instrumento de cultura e educação e a recusa a uma banalização do trabalho desenvolvido nos Parques :

*tanto que quase não existiam salas. O Dr. Nicanor não queria que construísse salas, ele achava que a gente ia deixar as crianças fechadas por que era mais fácil prendê-las que trabalhar com elas fora.(...)”*

(pg. 20)

A interessante edição traz ainda depoimento de adultos, os quais, foram crianças dos Parques Infantis em questão. Suas lembranças não poderiam ser melhores:

*“Iracema : O parque era a nossa alegria. Era melhor brincar aqui do que na rua (...).”*

*“ Dirma : - (...) O terreno era todo gramado, e havia bancos para a gente sentar no meio das flores. Era tudo tão lindo ! O Parque tinha poucas salas (...)*

*O Parque para nós, foi a liberdade. Aqui podíamos nos divertir sem vizinhos brigando : “não faça isso, não pule o muro, não suba na cerca”*

(pg. 23)

Sobre a valorização da produção de crianças e para crianças ( cultura infantil) :  
*“Nair - Vocês se lembram das peças de teatro que a gente fazia ?” (...)* Depois, a gente ia mostrar as peças nos outros parquinhos, o D. Pedro, o Ipiranga...”

(pg. 23)

Faria (op. cit) nos alerta para o fato de que esta proposta inovadora e revolucionária de Educação pré-escolar empreendida por Mário de Andrade - fundamentalmente, a Educação pela cultura, tinha fundamentos em trabalhos desenvolvidos fora do Brasil. A experiência educacional dos Pis de Mário de Andrade eram completamente diferentes das outras experiências existentes no

Brasil. Muitas das ideias do poeta assemelhavam-se às de seus contemporâneos, como Vygotsky e outros, que ele não conheceu e ainda não eram conhecidos no Brasil.

O que importa, porém, é perceber que, compartilhando e produzindo cultura, entrando em contato e conhecendo nosso folclore e as coisas do Brasil, estavam - crianças e sociedade, uma vez que englobava todas as faixas etárias e todas as classes sociais, - criando de fato uma "brasileiridade" tão cara aos intelectuais modernistas, como Mário de Andrade.

Os Parques Infantis de Mário de Andrade recusaram-se, assim, em copiar modelos pré-estabelecidos, como o escolar, ou mesmo servir como um preparatório para este. Ao contrário, tinha uma postura crítica à pedagogia tradicional e pretendia oferecer o que julgava deficitário no ambiente escolar: lugar e tempo para brincar. Era, antes de tudo, uma oportunidade de ser criança, mas de uma forma plena e em sintonia com uma cultura própria e nacional.

Faria (op. cit) conclui sua pesquisa questionando se outros parques infantis criados na época se suas propostas estavam ( ou não ) fundamentados na cultura, tal como a proposta de Mário de Andrade. A indagação fica válida para refletirmos sobre o primeiro parque de Campinas, próximo tópico a ser desenvolvido.

## **5 -OS PRIMÓDIOS DA EDUCAÇÃO INFANTIL PÚBLICA MUNICIPAL EM**

### **CAMPINAS: O Parque Infantil.**

A cidade de Campinas terá uma de suas primeiras experiências de educação infantil a partir da creche Bento Quirino. Tal instituição configura-se como resultante do processo de desenvolvimento urbano e industrial por que passou a cidade desde as últimas décadas do século XIX, quando Campinas firma-se cada vez mais no interior do estado como polo econômico, atraindo grandes contingentes de imigrantes e migrantes.

Encontramos a gênese de seu desenvolvimento industrial e urbano pelo fato de ter sido esta cidade um dos locais de expansão e grande desenvolvimento da cultura cafeeira.<sup>14</sup> Esta característica econômica tem seu reflexo na composição social que este centro urbano vai possuindo. Região de grande concentração de escravos na década de 70 do século XIX, a transição desta mão-de-obra para a livre assalariada tem como consequência o fato de atrair, assim, grandes contingentes de imigrantes, os quais ou vêm trabalhar em seu meio rural, na lavoura do café, ou vêm se empregar nos diversos *loci* do mercado de trabalho urbano (artesãos, marceneiros, operários de fábrica), disputando com os trabalhadores nacionais empregos, moradias e oportunidades.

---

<sup>14</sup> História de Campinas. Publicação do Centro de Memória - Unicamp, 1991, p. 2

Libertos os escravos em 1888, o panorama de Campinas aprofunda as dificuldades sociais, própria de outros centros urbanos de final do século XIX. Tal como nos indica Kishimoto (1988), a vida da classe trabalhadora piora em muito nas primeiras décadas do século XX, aumentando inclusive, a necessidade da mulher e filhos mais velhos dos trabalhadores, a lutar por um salário que complementasse a parca renda familiar. A autora nos indica a pujança de Campinas já na década de 1910, como um desenvolvido centro industrial. Os sintomas deste progresso se faz sentir pelo aumento do número de filhos de famílias trabalhadoras que ficam desamparada. Diante deste quadro, o bispo D. Nery possui o desejo de organizar uma creche e um asilo, anexo a Igreja de Santo Antônio o que se efetiva em 1914, com a fundação da Sociedade feminina de Assistência à Infância, cujos recursos provieram de dotações testamentárias de Bento Quirino dos Santos.

Ainda de acordo com Kishimoto (1988), os primórdios de instituições pré-escolares em Campinas têm sua origem a partir de uma iniciativa religiosa, promovida pela Igreja Católica, que controla diretamente sua administração.

Destarte, seu caráter será eminentemente assistencialista, caritativo e filantrópico, o que podemos verificar em seus estatutos, que se comprometem a manter um orfanato, que receberia crianças de 4 a 7 anos, além de uma Gota de Leite, para garantir uma alimentação higiênica às crianças, sendo para a época, a maior referência de trabalho contra os altos níveis de mortalidade infantil. A

população de crianças assistidas por esta instituição abrangeria as faixas etárias dos recém-nascidos até crianças de 7 anos.

Esta instituição, portanto, é anterior à experiência dos Parques Infantis e distingue-se desta da proposta por sua própria constituição, além de não ser governamental. Eis os objetivos da creche Bento Quirino expressos em seus estatutos

*"amparar, proteger e prestar, enfim, os melhores cuidados à criança... Desenvolver outros serviços de assistência social em benefício da infância, como seja : cuidados médicos, farmacêuticos e odontológicos. Cooperar com os poderes públicos na execução de medidas tendentes a elevar a taxa de natalidade e reduzir o coeficiente de mortalidade infantil " (apud Kishimoto, op. cit, p. 64).*

Desta forma, pela própria natureza e contexto no qual emerge, a creche Bento Quirino inclui em sua assistência também uma preocupação com a saúde das crianças, como seria realizado pelos Parques Infantis, se bem que de maneira e numa realidade diferente. A falta de verbas e recursos sempre foi uma constante. Até o ano de 1940, a instituição funcionou contando com a mensalidade de sócios, pequena subvenção do governo estadual e pouquíssimos recursos provenientes da União e do município. Porém , neste mesmo ano,

encontramos referências de docentes especializados em educação infantil pagos pelo Estado. Mesmo assim, Kishimoto aponta as dificuldades desta época para manutenção de um trabalho educacional de qualidade, uma vez que havia poucos cursos de formação de docentes na área infantil, e nem sempre estes poderiam ter uma sólida formação cultural.

Há referências também da separação das crianças por faixas etárias : seção maternal para crianças de 2 a 4 anos, e jardim de infância para crianças de 4 a 7 anos na creche Bento Quirino, o que pode indicar uma preocupação em desenvolver um trabalho diferenciado, de educação às crianças. Este deve ter sido um grande problema da instituição, aliado às dificuldades financeiras, o que deve ter sido as causas principais da desativação do orfanato em 1947.

## **6 - O PARQUE INFANTIL DA VILA INDUSTRIAL “CELISA CARDOSO DO**

### **AMARAL”**

A rápida industrialização e urbanização da cidade de Campinas nos leva a entender o por quê desta cidade possuir, já nas primeiras décadas do século XX, instituições voltadas ao atendimento de crianças da faixa etária de 0 a 6 anos.

Conforme anteriormente exposto , a experiência da instituição Bento Quirino foi promovida antes por um caráter de “cuidado” à infância pobre, claramente assistencialista e filantrópico. Não obstante, isto não dirime uma possível preocupação “pedagógica” que podemos notar por dividir as crianças em faixas etárias e corresponder, a cada uma delas, atenções diferenciadas. Chama-nos atenção, também, o fato de não se configurar como mera guarda temporária de crianças. Estava presente uma atenção integral à infância, como atendimento médico e odontológico, bem como preocupações higienísticas e de combate à mortalidade infantil, tão próprias da época. Ainda que a creche Bento Quirino fosse anterior aos Parques Infantis de Mário de Andrade, podemos encontrar alguns traços de preocupações como as acima referenciadas, que se constituirão como práticas claramente estabelecidas e implementadas neste último, caracterizando uma certa mentalidade em relação à infância em idade não escolar.

Passemos agora a analisar o objeto central deste estudo : o Parque Infantil Celisa Cardoso do Amaral

O espaço físico reservado ao Parque Infantil, por infelicidade, não poderá ser convenientemente analisado, pois sua planta se perdeu. Não obstante, mesmo hoje em dia, apesar de estar claro que metade do terreno hoje se encontra ocupado por um condomínio residencial (ver foto n° 3 no ANEXO 1), temos idéia dos espaços amplos reservados às crianças e suas mais variadas atividades lúdicas e esportivas, traços tão importantes nos Parques Infantis de Mário de Andrade (ver fotos n° 4,5,6 e 7 no ANEXO 1). As sombras das árvores de hoje, que deveriam ser as mesmas de sua inauguração, criavam sombra gostosa e o contacto com a natureza .

Apesar de um pouco danificado, nota-se que o terreno era todo gramado, lembrando a descrição dos usuários do Parque infantil de Mário de Andrade anteriormente citados : “O terreno era todo gramado, com bancos no meio das flores para a gente se sentar” ( ver fotos n° 8 e 9 no ANEXO 1 )

Lembramos também as palavras de Yvonne, referindo-se ao Parque Infantil de Mário de Andrade, (Um dia no Parque, op. cit, pg. 21) :

*“O desejo do Dr. Nicanor, Diretor da Divisão de Educação e Recreio, era estimular as atividades ao ar livre, ele não queria que construísse salas”.*

Pude ver que há uma única construção no PI, onde hoje funciona a sala da diretoria, refeitório coberto, uma sala de “trabalhinhos” com carteiras e banheiro (ver foto n° 2, 8, 9, 11 no ANEXO 1)<sup>15</sup>

“Você se lembra das peças de teatro que a gente fazia “? falava D. Nair, sobre o Parque Infantil paulistano. Da construção de 1940, o Parque Industrial da Vila Industrial conserva também o teatro e sua arquibancada, que nos reporta no tempo e podemos ver as crianças livres para se divertirem (ver fotos n° 12, 13, 14, no ANEXO 1).

Na presente análise, enfatizarei os aspectos de maior relevância para a possível identificação da estruturação deste Parque com os Parques de Mário de Andrade, não somente em relação a seu espaço físico .

Preliminarmente, questionou-se qual o público a que se destinava tal Parque Infantil. Consultando o Livro de Inscrição de alunos, verificamos a

---

<sup>15</sup> Ver no anexo 2 tentativas de desenhar a planta do PI da Vila Industrial, já que não foi encontrada. Não posso me comprometer com as medidas mas espero contribuir para uma visão ampla do PI com isso mostrar sua semelhança com São Paulo, através da planta do PI de Santo Amaro em 1938.

seguinte composição etária, nas datas-baliza do documento 26-10-1942 / 7-3-1947.

A partir dos dados expressos abaixo pela tabela nº 1, podemos verificar que o referido Parque Infantil em estudo aceitava crianças de 02 anos até 13-14 anos, abarcando, assim, uma faixa etária bastante ampla. Faria (1994) nos esclarece que, não obstante os Parques Infantis oferecerem período integral às crianças da faixa etária pré-escolar, ele também contemplava crianças até 12 anos, que frequentavam meio período alternado ao da escola primária, cumprindo seu caráter educacional não-escolar. Ribeiro (1943) refere-se também a crianças de 12, 13, 15 anos que não estavam na escola ou não deram continuidade a esta e que frequentavam parques infantis para brincarem e serem educados (apud Faria, p. 81). Podemos pensar nesta justificativa para entender os alunos desta faixa etária mais elevada frequentando o Parque Infantil de Campinas. Na tabela também encontra-se relacionados o número de alunos que foram registrados no Livro de Inscrições por ano e o número total de atendimentos durante os anos que constam no referido documento.

**TABELA N° 1 - FAIXA ETÁRIA DAS CRIANÇAS ATENDIDAS POR ANO**

<b><u>ANO</u></b>	<b><u>DATAS-BALIZA DE NASCIMENTO DOS ALUNOS</u></b>	<b><u>NÚMERO DE ALUNOS</u></b>
<b>1942</b> (período de 26/10 a 18/12)	<b>1929 (13 anos) a 1938 (04 anos)</b>	<b>149</b>
<b>1943</b> (período de 07/01 a 29/12)	<b>1929 (14 anos) a 1940 (03 anos)</b>	<b>150</b>
<b>1944</b> (período de 04/01 a 28/12)	<b>1931 (13 anos) a 1941(03 anos)</b>	<b>202</b>
<b>1945</b> (período de 03/01 a 13/12)	<b>1931 (14 anos) a 1943 (02 anos)</b>	<b>389</b>
<b>1946</b> (período de 04/01 a 26/12)	<b>1933 (13 anos) a 1944 (02 anos)</b>	<b>352</b>
<b>1947</b> (período de 14/01 a 02/04)	<b>1937 ( 10 anos) a 1943 ( 04 anos)</b>	<b>35</b>

**TOTAL DE ALUNOS NOS ANOS ACIMA RELACIONADOS : 1277<sup>16</sup>**

<sup>16</sup> Em 1936, os três parques paulistanos acusaram entradas num total de 782.294 (Faria, 1993)

No tocante à origem dos alunos, podemos traçar características da migração e imigração na cidade de Campinas. A tabela a seguir nos indica, por ano, a origem dos alunos por naturalidade. Relaciona-se aí a cidade de São Paulo, outras cidades do interior paulistano ( como Jundiaí, Baurú, Casa Branca, Araraquara, Rio Claro , Ribeirão Preto, entre outros), onde podemos ver que o ritmo acelerado da urbanização de Campinas daquela época atraía muitas pessoas de diversas localidades para tentar aqui uma vida nova.

Denota-se também grande número de crianças de origem estrangeiras, provando a importância da imigração para a formação da cidade. No caso dos Parques Infantis de Mário de Andrade, conhecer a origem das crianças era importante para saber direcionar as atividades culturais através de elementos culturais e folclóricos brasileiros.( Faria, op. cit., p. 92-93).

Os dados encontrados nos documentos estão relacionados na tabela nº 2 a seguir :

**TABELA N° 2 ORIGEM DOS ALUNOS DO PI DE 1942 A 1947 ( em números):**

<u>ANO</u>	<u>SÃO PAULO</u>	<u>INTERIOR SÃO PAULO</u>	<u>OUTROS ESTADOS.</u>	<u>ORIGEM ESTRANG.</u>	<u>CAMPINAS</u>	<u>TOTAL</u>
1942	02	17	01	25	104	149
1943	01	08	01	16	124	150
1944	01	34	03	45	119	202
1945	11	54	03	67	254	389
1946	10	51	07	36	248	352
1947	01	06	02	07	19	35

A origem estrangeira das crianças era, em sua maioria, espanhóis, portugueses, italianos, sírios. Em menor número, encontramos outras nacionalidades, tais como : poloneses, alemães, russos, estonianos, holandeses, e argentinos.

A pujança urbana e industrial da cidade de Campinas pode ser verificada também pela profissões dos pais que constam dos documentos e seus respectivos locais de trabalho . Pode-se verificar também que o Parque era frequentado principalmente por crianças de família de baixa renda. As profissões dos pais - homens - que mais aparecem nos documentos são : operário, barbeiro, leiteiros, carpinteiros, marceneiros, maquinistas, funileiros, ferroviários, contador,

padeiro, alfaiate, operário, sapateiro, escriturário, marmorista , guarda-noturno, eletricitista, pintor, guarda-livros. Funcionários públicos da Prefeitura.

As principais firmas onde os pais operários trabalhavam eram: Fábrica de Sabão, Gessy, Singer, Mac Hardy, Matarazzo, Cia. Mogiana, Cia. Sorocabana, Indústria de Seda e outras

Não obstante a característica acima citada, encontramos três profissionais liberais : dois dentistas e um engenheiro agrônomo. Algumas crianças eram filhos de pais falecidos, estando, em geral, sob a tutela de um parente próximo, poucos desempregados ou aposentados.

Quanto às mães, a grande maioria ( em torno de 88%) era de “p. d.” ou de “prezadas domésticas” ou donas de casa, o que reflete também a sociedade da época. Quando não eram donas de casa, as mães se dividiam nas seguintes profissões : pianista, professora, lavadeira, cozinheira, doméstica, bordadeira, operária, manicure, costureira.

Temos, nos documentos , uma evidência de que o Parque Infantil da Vila Industrial tinha um objetivo educacional, embora não-escolar . A grande maioria das crianças frequentava outra escola. Quando isto não ocorria, em geral, era por que as crianças encontravam-se ainda em idade pré-escolar.

**TABELA N° 3**

Crianças que freqüentavam a escola, em números :

<u>FREQUENTAVA A ESCOLA</u>	<u>NÃO FREQUENTAVAM A ESCOLA</u>
1.020	257

**TABELA N° 4**

Em percentagem de um total de 1277 crianças :

<u>FREQUENTAVA A ESCOLA</u>	<u>NÃO FREQUENTAVA A ESCOLA</u>
79,87 %	20,12 %

Outra fonte documental riquíssima para conhecer o caráter educacional do Parque Infantil da Vila Industrial é o Livro de Visitas, onde as opiniões sobre o cotidiano do Parque foram registradas por testemunhas de época, chegando-se até nós suas impressões <sup>17</sup>. Como exemplificação, transcreveremos algumas de suas palavras mais significativas sobre o Parque Infantil Celisa Cardoso do Amaral :

*“Eu creio num Brasil melhor, quando tenho o privilégio de ver aquilo que me foi generosamente dado a observar neste Parque Infantil. Regresso a*

<sup>17</sup> O critério para selecionar e escrever as impressões foram : trazer informações a mais sobre o cotidiano e organização do parque, trazer mentalidade de época, registra fato e datas importantes.

*São paulo, convicta de que esse Brasil do futuro está a ser construído por pessoas como as que trabalharam aqui”*

*Campinas, 2 de setembro de 1943*

*Noemmy da Silveira Rudolfley e Alice B. Alves de magalhães*

*“Da sã formação física e moral da criança depende o futuro do povo. Assim pensando, vi com a mais viva satisfação, tendo que é feito neste belo Parque Infantil, felicitando calorosamente os seus dirigentes”*

*Campinas, 7 de novembro de 1943*

*Fernando T. da Costa*

*“As alunas da Escola de Enfermagem ficaram verdadeiramente encantadas com as atividades deste Parque tão bem dirigido”*

*Campinas, 18/2/45 [segue-se seis assinaturas]*

Nessas duas primeiras cartas acima relacionadas, podemos extrair uma visão muito própria da época , onde o crescimento e o futuro do Brasil estava depositado na infância, embora com uma visão da criança apenas como um “vir a

ser” (adulto) e sem sua especificidade infantil da criança hoje, enquanto criança. No próprio pensamento de Mário de Andrade, em suas idéias de formar e promover o “Carater Nacional”, as crianças, além de produtoras de cultura<sup>18</sup> eram também parte integrante da nação, consumindo e reproduzindo cultura. Esta idéia é freqüente nas mensagens deixadas pelos visitantes, o que pode ser mais uma vez confirmada :

*“Na festa de aniversário deste Parque pode-se comprovar magnificamente os esplêndido resultados da obra educativa realizada pela Prefeitura Municipal, por intermédio de seu serviço de Parques Infantis. Às crianças da Vila Industrial foi ofertado um presente que elas receberam com alegria e que há de ajudá-las a formar a raça forte que construirá a grandeza do Brasil. Parabéns aos seus idealizadores e realizadores”*

*Campinas, 7 de novembro de 1943*

*[assinatura ilegível]*

O Parque Infantil serviu de modelo para outros no interior de São Paulo, como pode muito bem nos confirmar mais esta seguinte impressão deixada em seu livro de visitas:

---

<sup>18</sup> Esta é uma concepção bastante avançada para a época, específica do caráter inovador dos Parques Infantis do Departamento de Cultura de São Paulo, não muito explicitada no depoimento das visitas ao parque campineiro como ocorreu nos paulistanos ( Faria op. cit )

*“Em Campinas viemos buscar os ensinamentos, para a instalação do Parque Infantil de Piracicaba; o que vimos excedeu a tudo quanto esperávamos; ao Dr. Perseu Leite de Barros [...] com sua amabilidade, e às [...], do Parque Industrial, nossas homenagens e nossos agradecimentos.”<sup>19</sup>*

12-2-44

*[segue-se duas assinaturas ilegíveis] e Maria José Reinepantz*

*“Mais uma vez Campinas ensina aos visitantes o que há de surpreendente nas realizações de sua gente. . O que vi neste Parque servirá para exemplo da minha Ribeirão Preto, precisando, porém, levar para a terra roxa tão esplendido corpo docente “*

em 11-5-1945

*Machado Santana diretor de A Tarde*

A alegria da infância cultivada no Parque, bem como o apreço de seus profissionais pelas crianças, eram percebidos pelos visitantes :

---

<sup>19</sup> A transcrição desta impressão foi prejudicada pelo não entendimento da letra.

*“ Mens Sana in Corpore Sano ”, bem pode ser a divisa deste Parque Infantil, que a clarividência de um administrador criou e a dedicação e o entusiasmo de educadoras jovens alimentam com seu trabalho diuturno, para a formação de homens sadios de corpo e de espírito - que serão, no futuro, os continuadores desta obra grandiosa de engrandecimento da Nação. Quem visita esta colméia de educação sai com a alma alegre e feliz. Foi o que senti, com o entusiasmo próprio de um professor que ainda não perdeu a crença em sua obra educativa*

*”Campinas, 3/8/44*

*[assinatura ilegível]*

*“ A alegria contagiante do ambiente, a graciosidade das professoras que com toda a solícitude nos mostraram esta modelar organização, nos impedem de no momento de externar nossas verdadeiras impressões. Faltam-nos palavras para exprimir a grandiosidade deste Parque.*

*Devemos fazer votos para que o que pudemos aqui apreciar se reproduza por todos os cantos do Brasil"*

*Campinas, 5 de julho de 1945*

*Jorge Araújo Cintra Camargo.*

*"Nesta manhã alegre e ensolarada de setembro tivemos a grata satisfação de conhecer de perto o Parque Infantil da Vila Industrial.*

*Vizinhos, sempre seguimos com interesse a vida do parque.*

*Conhecedoras que somos da organização de outras escolas destinadas ao ensino pré-primário nos Estados, podemos afirmar que a orientação emprestada a este Parque Escola por sua gentil diretora e dedicadas professoras nada fica a dever às Escolas modelos existentes entre nós.*

*Prazeirosamente nos congratulamos com estes verdadeiros patriotas que se consagram inteiramente a uma obra altamente humanitária e nacionalista"*

*5/9/45 [assinatura ilegível]*

A evidência da importância que se dava ao brincar, à especificidade infantil e a aprendizagem através das atividades lúdicas e culturais nos é aqui mostrada:

*“O ideal do Parque - educar com o brinquedo- é integralmente realizado e é com satisfação e ótima impressão que a caravana do 3º ano da Escola Caetano de Campos” registra esta proveitosa visita.”*

*em 9 de setembro de 1944*

*pela caravana*

*Antônia Ortega*

*“Visitando o Parque Infantil da Vila Industrial tive a impressão de ter encontrado o verdadeiro “Paraíso da Criança”. Que o menino Jesus, aqui vivendo, abençoe tão elevada e eficiente realização, são meus votos sinceros.*

*Parabéns à Campinas pelo magnífico trabalho de seus educadores*

*Parabéns pela infinita satisfação que me empolgou”*

*Campinas, 19 de janeiro de 1945*

*Zuleika Barros Martins Ferreira.*

*“Acabo de assistir a uma magnífica festa neste Parque. A maneira por que ela se desenvolveu deixou largamente manifesta a inteligência com que foi preparada. É notável a organização de seu museu. Demonstra, já de início, espírito de pesquisa e amor à ciência. Instituições como estas devem ser amparadas pelos poderes públicos. Iniciativas particulares não devem passar objetivos estreitos, e que, portanto não atingem a coletividade. Como [...] que sou do poder público, ponho a disposição desta salutar instituição a minha insignificante colaboração. À sra. profa. Odacy os meus mais sinceros aplausos pela sua ação benéfica e inteligente em prol de nossa infância”*

*Campinas, 22 de junho de 1947*

*[assinatura ilegível].*

*“Visinhos que somos do Parque Infantil, nunca imaginei a assistência às crianças nele matriculadas; que auferissem tantos e notáveis benefícios e que fosse tão completa a sua educação. Sobremaneira interessante é o cultivo da horta, sabiamente orientada e dirigida pela ilustre diretora, D. Odacy,*

*auxiliada por d. Antônia. Sei que, organização como esta deve ser visitada e imitada As melhores felicitações de*

*Cap. Artur Gessa 30.4.48*

Destas declarações destila-se impressões que em muito aproxima o Parque Infantil da Vila Industrial com aqueles criados por Mário de Andrade. Os comentários entusiasmados nos mostram a preocupação com a formação integral da criança : "formação física e moral", assistência, cultura, lúdico, saúde, alegria... Ainda que esta projeção da criança no futuro esteja sempre muito presente , pode-se perceber também alguns indícios na formação da criança respeitando seu presente. Não encontrei tantas evidências que permitiriam afirmar categoricamente a convivência dos objetivos (quase) antagônicos (mas que foram complementares em São Paulo) da educação para o futuro e educação da criança como criança hoje.

O ideal caro também aos Parques Infantis de Mário de Andrade "Educar com o brinquedo" aparece-nos claramente nos comentários acima, bem como "as crianças aprendem a ser livres", como o comentário a seguir, também encontrado no Livro de Visitas :

*"As minhas felicitações às professoras do Parque Infantil da Vila Industrial, precursoras da democracia do amanhã. Neste parque as crianças*

*aprendem a ser livres. Quando estes parques forem disseminados a todas as crianças do Brasil, teremos a base já bem estabelecida de uma nação livre e democrática”*

14/09/45

*Octávio Galli*

É interessante notarmos, analisando as visitas que frequentavam o Parque Infantil da Vila Industrial, que este servia de modelo, seja para o parque de Piracicaba, onde está claramente declarado em uma das impressões, bem como de Ribeirão Preto. Temos ainda o Parque sendo paradigma de atendimento pré-escolar, visitados por turmas de moças de magistério de várias cidades, inclusive da Caetano de Campos de São Paulo; estudantes de enfermagem ( já que a preocupação com a saúde era grande), biblioteconomia , entre outros, bem como a significativa freqüência de visitantes estrangeiros. Estes princípios de “ensinar brincando” e o respeito à condição de criança pode ser percebido nesta instituição que, como podemos cada vez mais claro notar, não pretendia-se uma instituição escolar, mas sim uma instituição educacional, educando-se através da cultura, como pretendia Mário de Andrade.

O Livro de Música, intitulado “Papoulas”,<sup>20</sup> também encontrado no Parque Infantil em questão, não traz o local nem o ano de publicação, mas é dedicado ao Exmo. Presidente da República Getúlio Vargas. Valoriza não só a

---

<sup>20</sup> Por se encontrar guardado ao lado dos outros materiais (como o livro de visitas, por exemplo), creio que este livro de músicas era utilizado também com as crianças do PI

cultura do Brasil, mas a cultura infantil e os elementos que fazem parte deste universo, como os brinquedos, conforme podemos verificar à página 26 :

### “BRINQUEDOS”

Aqui estamos os brinquedos

da infância descuidosa

Somos os leves folguêdos

Da guryzada formosa

1° Sou o balão colorido

2°- Sou o papagaio vadio

3° - Sou o pião atrevido

4° - Sou o carretel . .vasio!

Côro - Aqui estamos. etc

5° - Eu sou a a barquinha

6° - Eu sou a vaqueta e o tambor.

7°- Eu sou a linda bonequinha

bonitinha como uma flor...

Côro - Aqui estamos, etc.

8°- Sou a peteca ligeira

9º- Sou o patin corredor

10º- Sou a bola traiçoeira

Que a todos causa...furor!

O Livro de música refere-se à diversidade cultural do Brasil , incluindo canções e pequenas representações teatrais, hinos com temas patrióticos (próprio da era de Vargas) e canções do sul e norte do Brasil ( "Os Gaúchos", "as bahianinhas"). Destas peças artísticas se destila um princípio muito cara aos Parques Infantis de Mário de Andrade que vemos também no Parque Infantil campineiro: a divulgação de obras que exaltem a cultura brasileira , na tentativa de desenvolver o espírito nacionalista e patriota na construção de um país no qual as crianças estavam incluídas<sup>21</sup> . O respeito à sua natureza infantil, ao seu presente era veiculado até mesmo por canções , que, cremos, deveria ser ensinadas às crianças do parque Infantil, uma vez que consta de seu livro de música . :

## I

Vamos à brincadeira

Só queremos vadiar

Todos sentem a alegria

Quando estão a brincar

---

<sup>21</sup> Convivência destas concepções semelhante às observadas por Faria nos parques de São Paulo.

Queremos na phantasia

Na alegria brincar...

Alegres, na fantasia

Na alegria folgar !

## II

Saudemos esse dia

Num canto jovial

Cantemos com alegria

Mais um feliz Natal !

(p.41)

Está claro aí o tom irreverente, mesmo falando de uma festa religiosa (o Natal), exaltando a infância no que tem de mais gostoso e específico : brincar, e o não-trabalho identificado à alegria. É curioso também, que num período de tanto elogio ao trabalho (era de Vargas) , a vadiagem seja festejada !

Na página seguinte, temos uma música de influência africana, mais um exemplo do cultivo à diversidade da cultura brasileira :

São Ogum qui fai codaço

No cateretê fubéca

Opô cuabá colaço

Do muxambo perereca...

Apô cuiabá no banzo

Ripinica quá paiaçó

Exum oxoci no Congo

Dança no pé do rei Xanzo...

Côro:

O bóde qui faz bodum -ui!

Berrô e fez bé-bé - ui!

Deus dois sarto pra trais

E ficou suspenso nos pé - ui.

II

Lá no Congo de cotreia

os nagô mexe os curtiço

fazeno dôce e geléia

Misturado co inguiço...

Quem quizé antão isprimente

Cumê giló cum choriço

Fis Cus óio drumente

De tanto oiá prus feitiço

(p.43)

A dança "As Bahianinhas" (p.34), também ressaltam a graça da mulher brasileira, das frutas e alimentos da terra:

Bahianinha eu sou

Do vatapá

Bahianinha eu sou

Do mungunzá

I

Tenho graça e encanto

Vendendo verduras

Mancando num canto

As fructas maduras

Tem graça e encanto  
Essa bahianinha  
Mancando num canto  
Ao som de um sambinha

II

Na Bahia tem cocada  
Tem cocada de araçá...  
Tem beijús de tapioca  
Caragé, Mungunzá...

Na Bahia “a boa terra”

Lá nos campos e nos laranjaes

Canta a brisa a melodia Saudosa dos coqueiraes...”<sup>22</sup>

O “Bailado das Settas” (p. 27) também nos fala de um indígena forte e defensor de sua terra, no estilo de I-Juca Pirama:

---

<sup>22</sup> Os aparentes erros ortográficos devem-se ao fato de que a transcrição respeitou a grafia da época.

“Somos gentios e das selvas bravias

Selvas distantes, sertões brasileiros

Maracajás -ei! (gritam) e dos guaranys, ei!

Nós somos ferozes e guerreiros

De chefes filha só temos Tupan

De longe minha setta certa eu cravo,

Em luctas renhidas, das lides no afan,

Sõ acerto o meu dardo no peito do bravo!

Mattas e terras, tão ricas em ouro;

Aves e flores e o céu cor de anil,

Nos falam e dizem que immenso thesouro

Em ti occulta e esconde teu nome , BRASIL !

Índios valentes não temem perigos  
Nem temem as luctas de seus irmãos Tupis'  
S'extranhos de terras ignotas e inimigos  
Se affoitam a invadirem os campos brasis!"

Exaltação ao sul do Brasil está também na dança e canção "os gaúchos"

(p. 25):

"A' tardinha, sob um bello céu azul...  
Temos saudade do Rio Grande do Sul!  
Nessa hora triste, o bronze soa  
É a voz do sino dobrando dolente ao morrer  
do dia!  
E a noite se cobre com seu negro manto fugindo  
à garoa...  
A' tardinha, sob um bello céu azul...  
Temos saudade do Rio Grande do Sul  
E a gaúcha bem junto à santa

Em prece piedosa, murmura baixinho um Ave-  
Maria...

Emquanto o gaúcho, voltando dos Pampas seus  
males descanta !

E após a janta, o chimarrão...

E a sobremesa gaúcha, tão pura e sadia!

E lá do rancho gaúcho, ao luar, parte uma  
canção..."

No Livro de Registro das Correspondências<sup>23</sup>, onde se encontram duzentas páginas do cotidiano administrativo do Parque, controle de pessoal, etc; interessa-nos , particularmente, no momento, chamar a atenção para mais algumas ambigüidades e incoerências no trato da educação pública, do conceito de infância e de criança pobre: a correspondência do Dr. Mário Pagano, médico do Parque, pedindo de doações de medicamentos à laboratórios e institutos médicos, em nome "da boa saúde de tantas criancinhas pobres de Campinas", bem como cartas da Diretora Odacy S. A. Netto a Bancos solicitando doações para festas de Natal . Encontra-se inclusive pedido de alimentos para as crianças.

---

<sup>23</sup> Com certeza, estes quatro livros encontrados nos arquivos do parque merecem análises mais detalhadas , profundas e minuciosas, que poderão revelar outras dimensões da educação pré-escolar não captadas nesta primeira aproximação.

Não obstante a alegria de sabermos de uma tentativa, no nosso país, de tornar a infância um período feliz, vemos que a infância menos favorecida também em Campinas dependeu de ações filantrópicas e de caridade para realizar-se. Tivesse todos seus direitos garantidos, talvez isto não fosse necessário ! <sup>24</sup>

---

<sup>24</sup> Esse livro de Registro de correspondência não foi melhor analisado por ultrapassar o período estudado, pois o livro data de 1951.

## **7 - CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Resultado direto do processo de urbanização e industrialização, surgem no interior deste processo os estabelecimentos pré - escolares. Portanto, é inegável que a preocupação com a educação pré-escolar a cargo de uma instituição que não a família, iniciou-se, no Brasil e fora dele, para a tentar resolver problemas de mães trabalhadoras e da sociedade, quando a criança ainda não era a protagonista.

O valor da experiência dos Parques Infantis de Mário de Andrade foi justamente uma ruptura, pelo menos no contexto da educação pré-escolar brasileira, de uma estrutura onde a criança estaria no centro das preocupações e nas ações desenvolvidas nestas instituições. Longe de uma concepção utilitarista de “como direcionar a infância pobre, futuros braços a serem explorados e disciplinados pela lógica capitalista”, ou apenas resolver problemas das mães trabalhadoras ou da sociedade, os Parques Infantis foram antes de tudo um local que permitia que a “criança fosse criança” , respeitando sua realidade, estimulando a formação de uma cultura infantil.

A proposta de Mário de Andrade não encarava a educação pré-escolar com função de “moldar” a criança para o ensino formal e escolar , o que ocorreria em uma outra etapa de sua vida, mas de complementar aquilo que a escola da

época - enquanto instituição disciplinadora - e a própria realidade urbana, modificada cada vez mais pela industrialização, não permitia : brincar em sentido pleno da palavra, em amplos espaços, e ao mesmo tempo, aprender a cultura brasileira e construir uma cultura infantil Foi a cultura, e a cultura brasileira valorizada em seu folclore e tradições, o fio condutor da proposta educativa deste contexto, incluindo na construção de uma "identidade brasileira" setores da sociedade da época marginalizados do processo político e econômico : crianças e operários.(cf Faria op. cit.)

A questão da pré-escola é atualíssima, e mais ainda atual é a proposta de Mário de Andrade, válida nos dias de hoje, a qual importa resgatar como paradigma de experiência pré-escolar. Frente à realidade que temos hoje, são bem pouco as crianças de zero a seis anos que tem acesso à educação pré-escolar, nem sempre de qualidade.

Autores pesquisados ao longo do presente trabalho, como Faria (op. cit), questionam o fato de que, experiência tão proveitosa como a dos Parques Infantis de Mário de Andrade, não foram recuperadas para a estruturação, por exemplo, das EMEIs que temos hoje em dia. Publicações do Ministério de Educação e do Desporto, como "Critérios Para Um Atendimento Em Creches Que Respeite Os Direitos Fundamentais Das Crianças" de 1995, incluem entre seus princípios básicos de educação e cuidado, idéias como respeito ao direito de brincar ao ar livre, construção de sua cultura, integração instituição/família , assistência

integral, inclusive com atenção à sua saúde física, mental e psicológica, os mesmos princípios que constavam e eram efetivamente postos em prática nos parques de Mário de Andrade. Por que não resgatar de fato esta experiência, inclusive na prática.

Investigamos, no presente trabalho, o primeiro Parque Infantil de Campinas, localizado na Vila Industrial, reflexo da urbanização, industrialização e progresso da cidade. Através das análises e considerações que pudemos abstrair da documentação utilizada, pudemos observar, também aqui, em nossa cidade, uma experiência educacional, voltada à criança, que respeitava sua condição e cultura infantil, o direito pleno à infância, à cultura brasileira, às brincadeiras, ao espaço, e assim como os Parques Infantis de Mário de Andrade, tinham a especificidade de não omitirem, nos anos 30/40, os jogos e brincadeiras para crianças de famílias operárias, tal como nos demonstra Faria (op. cit. p. 12)

Desta forma, respondendo à questão do final do capítulo 4, podemos dizer que temos algumas evidências e muitos indícios de que o Parque Infantil da Vila Industrial deu continuidade a proposta de Mário de Andrade através do cuidado e educação das crianças campineiras com base na cultura e não no modelo escolar.

Em tempos de neoliberalismos e privatizações, que pretendem minimizar o papel da iniciativa pública, é necessário resgatar a memória de experiências

válidas como estas. Traçando um perfil da Educação Infantil em Campinas atual, Nascimento (1994), nos demonstra que, em nossa cidade, somente em 1990 houve a incorporação de creches ao sistema municipal de Ensino, sendo reconhecido seu caráter educacional, além de guarda, higiene, alimentação e saúde, bem como preocupação em adequar a esta instituição profissionais especializados, efetivados através de concurso público.

Conforme nos alerta a autora, uma política eficaz de atendimento pedagógico encontra-se, aqui, em construção. Neste processo, estão incluídos uma expansão da oferta de pré-escola e universalização do atendimento, direcionada à população mais carente, desde já, uma vez que o atendimento total não é possível no momento.

Destarte, temos um reconhecimento cada vez maior da necessidade e do direito à pré-escola à todas as crianças, felizmente já garantido pela primeira vez na História do Brasil na Constituição de 1988. É preciso estar alerta, porém, para a qualidade de educação pré-escolar que está sendo e será oferecida. Novos problemas e novos desafios os profissionais da educação e da educação infantil possuem pela frente. Para concluir, sugiro temas para novas pesquisas acadêmicas :

*A importância da pré-escola para a formação do cidadão da sociedade urbano-industrial moderna. Teorias pedagógicas que baseiam a prática da Educação Pré-escolar hoje . Pré-escolas enquanto preocupação da política pública na atualidade. Cultura brasileira e cultura infantil.*

## A Educação Pré-escolar pública municipal na realidade atual em Campinas.

*Origens da educação pré-escolar em Campinas : experiência na rede estadual. Dados atuais da sociedade campineira (demográficos, distribuição da população, de renda, etc.). Número e localização das EMEIs em Campinas. Alocação de recursos. Hierarquia, administração, e contratação de pessoal. Experiências pedagógicas em instituições para educação das crianças de 0 a 6 anos anteriores às EMEIS, nas EMEIS, CIMEIS, etc.*

### A realidade das EMEIs de Campinas hoje.

*Funcionamento das creches e pré-escolas ( horários, matrícula, manutenção, etc.)*

*Relacionamento creche X comunidade. As crianças atendidas, sua faixa etária e origens social e econômica. A concepção da criança na realidade prática. O espaço físico de brincar e aprender : a arquitetura dos prédios e suas divisões . As atividades com as crianças. O lúdico e o pedagógico : materiais e brinquedos utilizados. A rotina das crianças durante o período que lá permanecem. Dados sobre funcionários. A formação dos professores de pré-escola : escolaridade e formas de acesso. A questão da sociabilidade. Há preparação para a alfabetização?. A alimentação e cuidados com a saúde. Enquanto especificidade da educação das crianças pequenas. Instituição educacional - família : a cultura dos adultos e a construção da cultura infantil.*

## 8- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARIÉS, Phillipe. História Social da Criança e da Família. Rio de Janeiro, Ed. Zahar, 1980.
- BERQUÓ, Elza. Aleitamento diferencial para meninos e meninas . Cadernos de Pesquisa São Paulo (76) : 31-40, fevereiro 1991.
- CENTRO DE MEMÓRIA . História de Campinas. Unicamp, 1991.
- CIVILETTI. Maria Vitória Pardal . O Cuidado às Crianças Pequenas no Brasil Escravista. In : Cadernos de Pesquisa. São Paulo (76) : 31-40, fevereiro 1991
- COSTA, Jurandir Freire. Ordem Médica e Norma Familiar". Rio de Janeiro, Ed., Graal, 1980
- ESCOLA MUNICIPAL : Crianças do passado contam histórias para o futuro. In :. Edição comemorativa dos 50 anos da Educação Pública Municipal. Ano 18 n° 13.p. 25-29. 1985.

ESCOLA MUNICIPAL. Um dia no Parque Infantil. Edição comemorativa dos 50 anos da Educação Pública Municipal. Ano 18 ,nº 13 p. 19-24. 1985.

FARIA, Ana Lúcia Goulart de . Direito à infância : Mário de Andrade e os Parques Infantis para as crianças de família operária da cidade de São Paulo. Tese de doutorado, Unicamp, 1994.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. Recuperando a História da Educação Infantil em São Paulo. Escola Municipal Edição comemorativa dos 50 anos da Educação Pública Municipal. Ano 18 nº 13.pg. 6-10, 1985.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. A pré-escola em São Paulo (1877 a 1940) . São Paulo, Edições Loyola, 1988.

KUHLMANN, Moisés. Instituições pré-escolares Assistencialistas no Brasil (1899-1922) .Cadernos de Pesquisa. Sp (78) 17-26, 1991

MINISTÉRIO de Educação e do Desporto. Critérios Para Um Atendimento Em Creches Que Respeite Os Direitos Fundamentais Das Crianças , Brasília, 1995.

N ASCIMENTO, Maria Evelyn Pompeu. Campinas e a Educação Infantil. Anais do I Simpósio Nacional de Educação Infantil . , Brasília, 101-104, 1994.

NOGUEIRA, Mazda Julita. *Valeu, Mário de Andrade*. Escola Municipal Sp (13) 52-56, 1985.

RIBEIRO, Carolina . Os Parques Infantis Como Centro de Educação Extra-Escolar., Revista Do Arquivo Municipal n° 89, Publicação do Departamento de Cultura, 1943.

**9- ANEXOS**

(ANEXO I) FOTOGRAFIAS

1



2





5



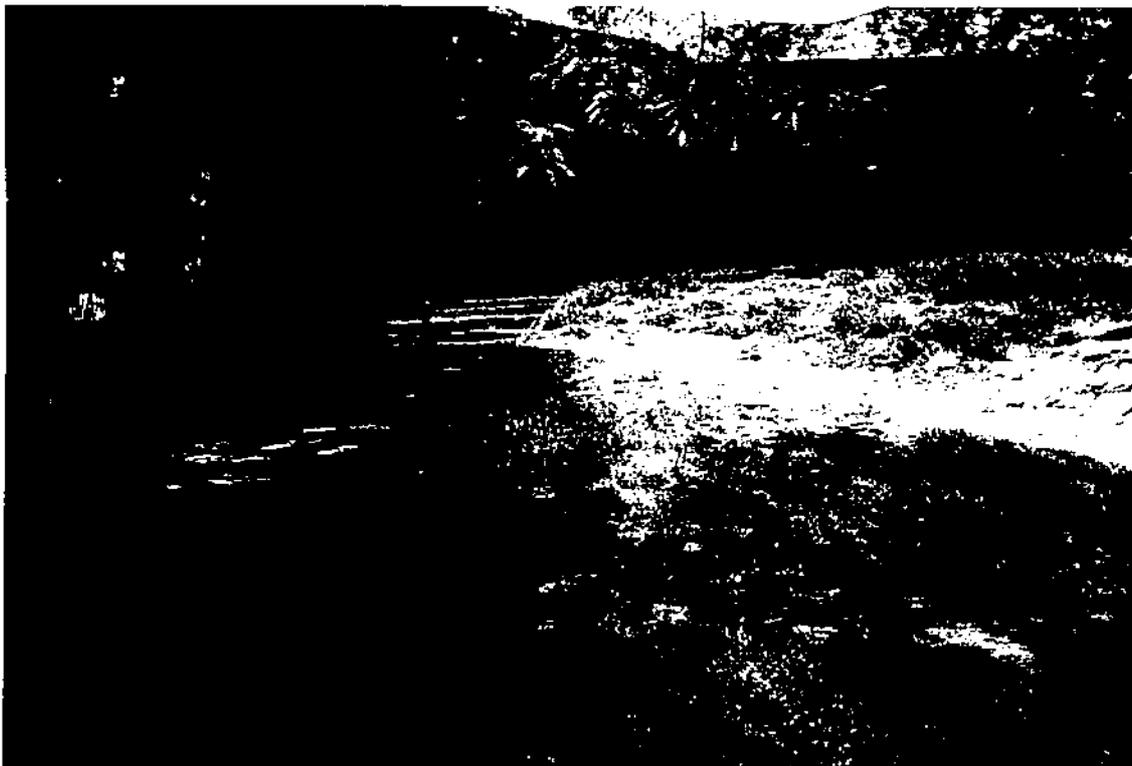
6



7



8



9



10



11



12

13

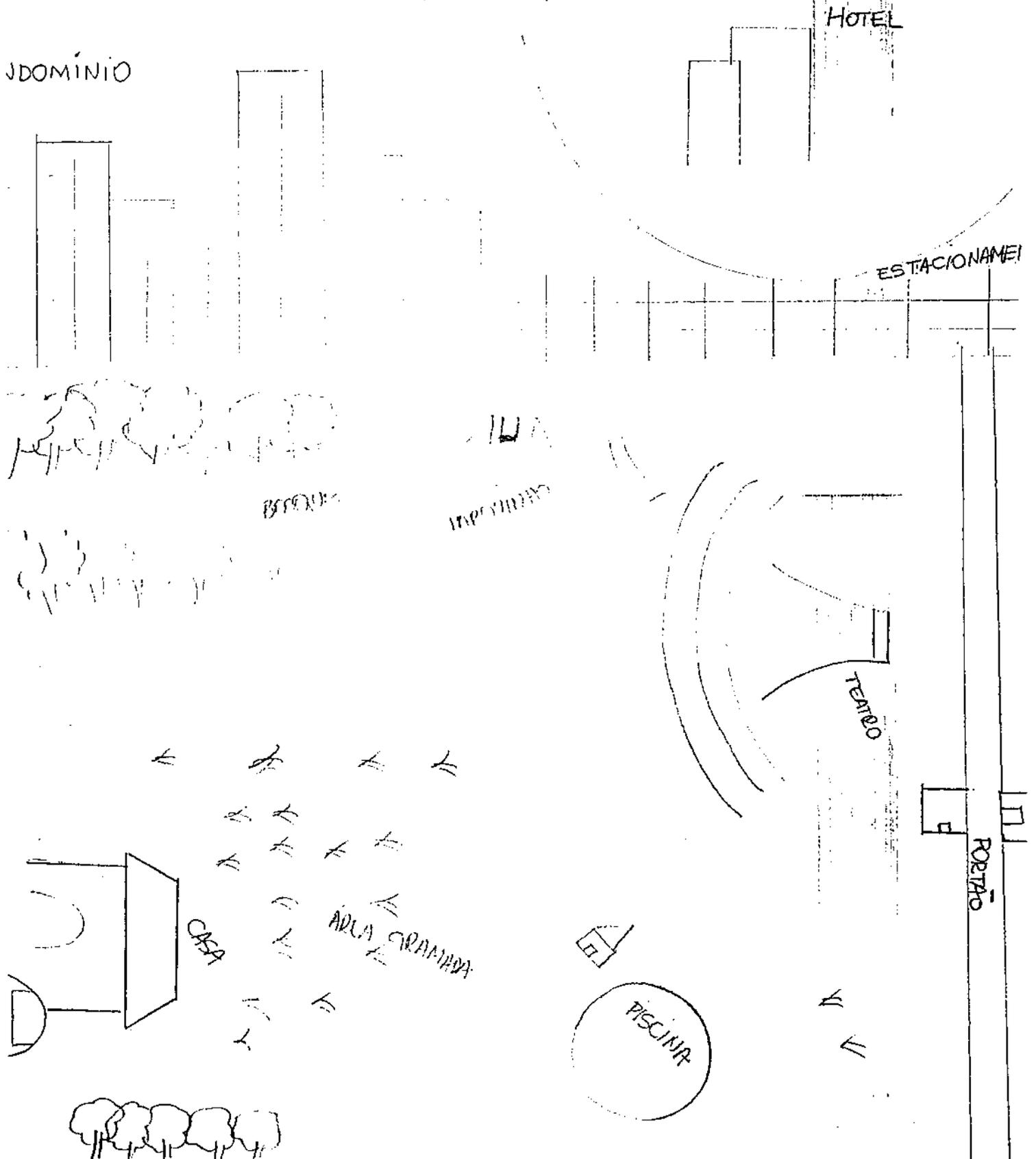


14

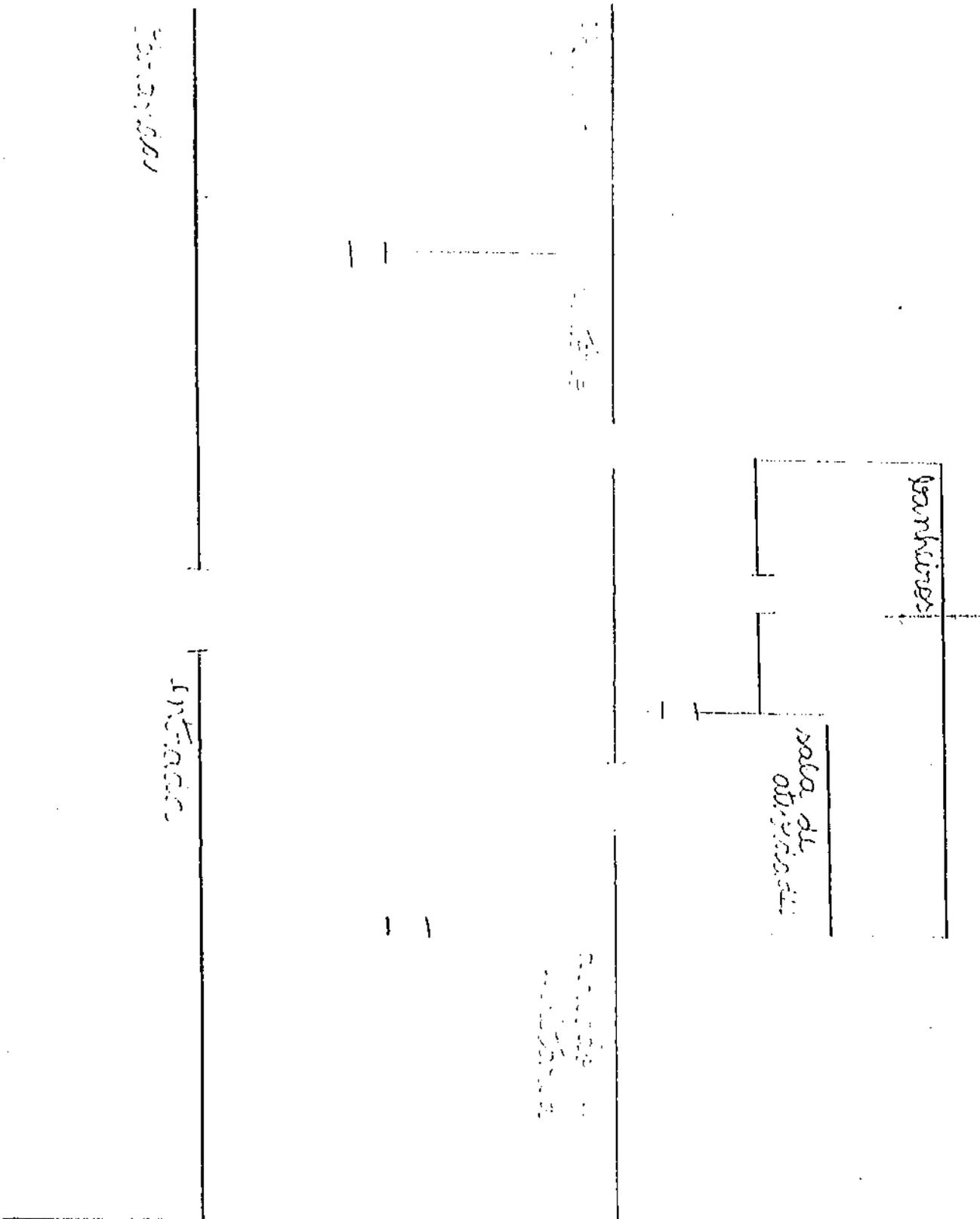


# ANEXO II - PLANTAS

## 1 Planta do Parque Infantil de 1995 (EXTERNA)



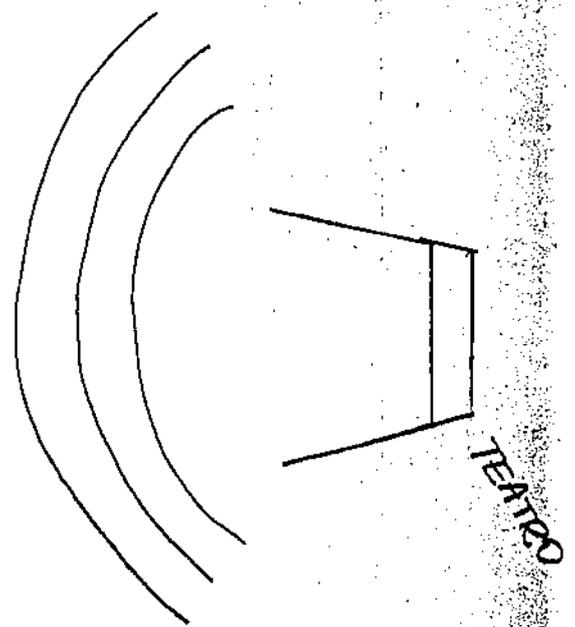
2 Planta baixa da parte adjunta



### 3 Possível planta do Parque Infantil em 1942



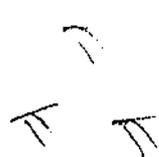
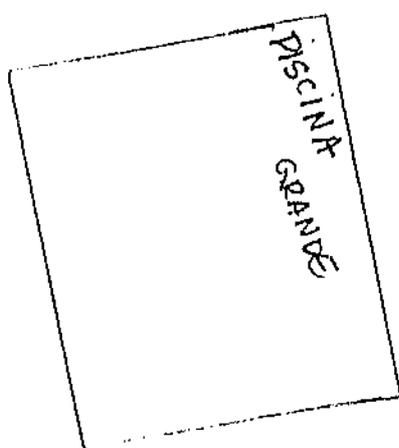
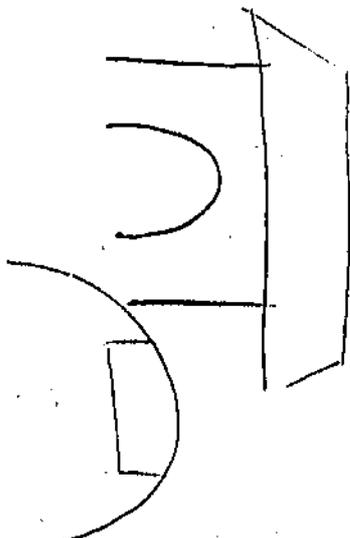
BOSEVE



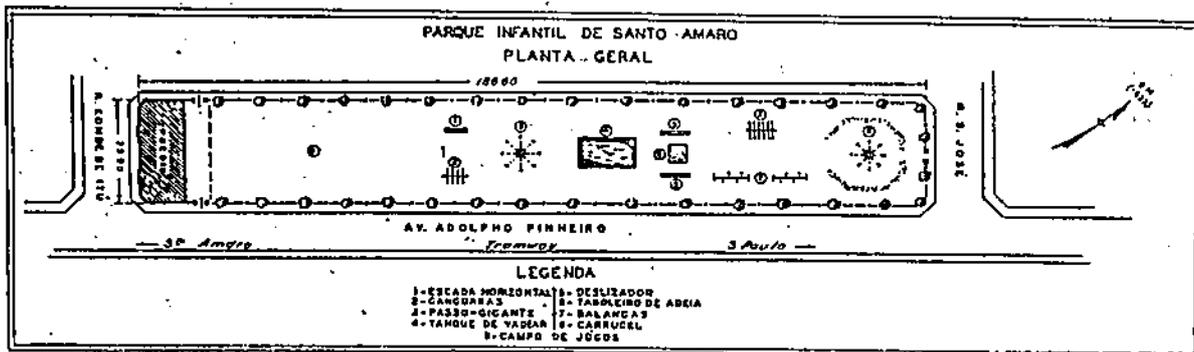
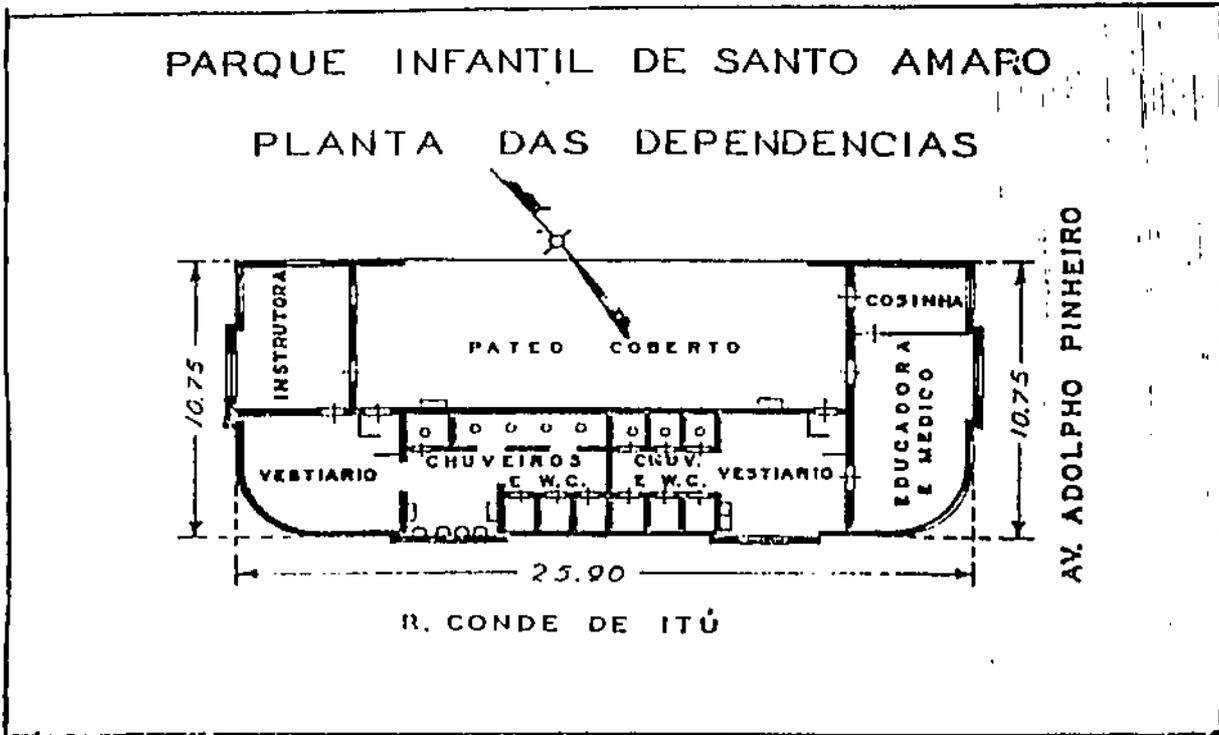
TEATRO



JARDIM



† Planta das dependências e planta geral do Parque Infantil de Santo Amaro (1938).



Fonte: Miranda, 1938, p. 27-28. . Apud Faria (1993)